



UNIVERSOS DO OLHAR



COLETÂNEA DE

Registros etnográficos

NILDA STECANELA

MARIA DE FÁTIMA FAGHERAZZI PIZZOLI

(ORGANIZADORAS)

UNIVERSOS DO OLHAR

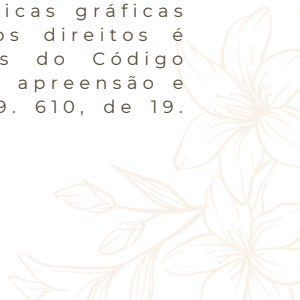
COLETÂNEA DE

Registros etnográficos

NILDA STECANELA
MARIA DE FÁTIMA FAGHERAZZI PIZZOLI
(ORGANIZADORAS)

NOTA: Dado o caráter interdisciplinar desta coletânea, os textos publicados respeitam as normas e técnicas bibliográficas utilizadas por cada autor. A responsabilidade pelo conteúdo dos textos desta obra é dos respectivos autores e autoras, não significando a concordância dos organizadores e da instituição com as ideias publicadas.

© TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos é punível como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9. 610, de 19. 02. 1998, Lei dos Direitos Autorais).



NILDA STECANELA
MARIA DE FÁTIMA FAGHERAZZI PIZZOLI
(ORGANIZADORAS)

UNIVERSOS DO OLHAR

COLETÂNEA DE

Registros etnográficos

DIÁLOGO FREIRIANO
VERANÓPOLIS
2022

CONSELHO EDITORIAL

Ivanio Dickmann - Brasil
Aline Mendonça dos Santos - Brasil
Fausto Franco Martinez - Espanha
Jorge Alejandro Santos - Argentina
Martinho Condini - Brasil
Miguel Escobar Guerrero - México
Carla Luciane Blum Vestena - Brasil
Ivo Dickmann - Brasil
José Eustáquio Romão - Brasil
Enise Barth - Brasil

EXPEDIENTE

Editor Chefe: Ivanio Dickmann
Financeiro: Maria Aparecida Nilen
Diagramação: Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Crédito das imagens:

Capa: Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli (Janelas Casa Mário Quintana - Porto Alegre - RS)
Página 18: Alexandre Roberto Faé
Página 27: Aline Marques Copetti
Página 28: Alini Cossul Martinelli
Páginas 36, 37, 38, 39: Antonio Paulo Valim Vega
Páginas 54, 55: Graziele Dall'Acua
Página 57: Família Capra
Página 71: Mônica Scotti
Página 82: Simone Viapiana

FICHA CATALOGRÁFICA

U58 Universos do olhar: coletânea de registros etnográficos / Nilda Stecanela,
 Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli (organizadoras). – Veranópolis:
 Diálogo Freiriano, 2022.

ISBN 978-65-87199-91-7

1. Etnografia. 2. Usos e costumes. 3. Patrimônio cultural – Brasil.
 Stecanela, Nilda. II. Pizzoli, Maria de Fátima Fagherazzi.

2022_0201

CDD 306.098– (Edição 23)

Ficha catalográfica elaborada por Karina Ramos – CRB 14/1056

EDITORA DIÁLOGO FREIRIANO
[CNPJ 20.173.422/0001-76]
Rua General Flores da Cunha, 172 / 2401
Centro, Veranópolis – RS - CEP 95.330-000
cida.dialogar@gmail.com
Whatsapp: [54] 98447.1280



PRIMEIRAS PALAVRAS:

convite à educação do Olhar

Os registros etnográficos integram uma das unidades de aprendizagem constante no cronograma do Seminário de Metodologia de Pesquisa em Educação, ministrado há mais de uma década no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul.

A intenção não é fazer uma etnografia na pesquisa em educação, mas de promover o desenvolvimento de sensibilidades nos pesquisadores em formação, mestrandos e doutorandos, no que tange à educação do olhar da observação, ou seja, nos dizeres de Madalena Freire Wefort, relaciona-se à “educação do olhar”.

Essa autora chama atenção para os sentidos do descondicionalamento do olhar e do desenvolvimento de competências voltadas à observação, de modo a recorrer à observação como ferramenta básica para o “aprendizado da construção do olhar sensível e pensante”. Em sintonia com a autora, acolhemos que “o ver e o escutar fazem parte do processo da construção desse olhar”. Nesse sentido, cabe considerar que “não fomos educados para a escuta”. Nas palavras de Madalena Freire, “Em geral não ouvimos o que o outro fala, mas sim o que gostaríamos de ouvir. Neste sentido imaginamos o que o outro estaria falando... Não partimos de sua fala, mas de nossa fala interna. Reproduzimos desse modo o monólogo que nos ensinaram”. Essas advertências são imprescindíveis na adoção de posturas éticas e respeitadas no âmbito da pesquisa, especialmente quando consideramos dados empíricos e a relação observador-observado, pois, “só podemos olhar o outro e sua história se temos conosco mesmo uma abertura de aprendiz que se observa (se estuda) em sua própria história”.

Foi com base nessas premissas, combinadas com as elaborações de Sérgio Cardoso, no texto O olhar viajante (do etnólogo), publicado no livro O Olhar, organizado por Aداuto Novaes, pela editora Companhia das Letras, que adentramos nas orientações para o desenvolvimento de uma prática de pesquisa como atividade avaliativa do seminário supracitado. A turma, composta por mestrandos e doutorandos, ocorrida no primeiro semestre de 2022, foi convidada a aprendizagem do olhar, ao desenvolvimento do olhar para além do ver, do escutar para além do ouvir, cujos fundamentos são expressos nos excertos do texto de Cardoso (1988).

A carta orientativa¹ da atividade iniciou com uma longa epígrafe, extraída do texto referido anteriormente, com o intuito de sensibilizar os pós-graduandos, conforme reproduzimos a seguir.



¹ O planejamento de cada aula foi expresso na forma de Cartas de Aula, em alusão a postura assumida a partir de inspiração buscada em Paulo Freire, em uma escrita que se abre ao diálogo, busca e encontra dimensões de afetividade, dialogicidade e interatividade.

(...) o ver e o olhar, na sua oposição, configuram campos de significação distintos: assinalam em cada extremidade do nosso fio justamente: “sentidos” diversos. O ver, em geral, conota no vidente uma certa descrição e passividade ou, ao menos, alguma reserva.

Nele um olho dócil, quase desatento, parece deslizar sobre as coisas; e as espelha e registra, reflete e grava.

Diríamos mesmo que aí o olho se turva e se embaça, concentrando sua vida na película da superfície, para fazer-se espelho...

Como se renunciasse a sua própria espessura e profundidade para reduzir-se a esta membrana sensível em que o mundo imprime seus relevos.

Com o olhar é diferente.

Ele remete, de imediato, à atividade e às virtudes do sujeito, e atesta a cada passo nesta ação a espessura da sua interioridade.

Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece originar-se sempre da necessidade de “ver de novo” (ou ver o novo), como intento de “olhar bem”.

Por isso é sempre direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor...

Como se irrompesse sempre da profundidade aquosa e misteriosa do olho para interrogar e iluminar as dobras da paisagem (mesmo quando “vago” ou “ausente” deixa ainda adivinhar esta atividade, o foco que rastreia a paisagem interior) que, frequentemente, parece representar um mero ponto de apoio de sua própria reflexão.

A visão – a simples visão -, ainda que modestamente ciente de seus limites e alcance circunscrito, supõe um mundo pleno, inteiro e maciço, e crê no seu acabamento e totalidade. (...) Opera por soma, acumulação e envolvimento; busca o espraiamento, a abrangência, a horizontalidade; e projeta, assim, um mundo contínuo e coerente, e acredita fruir e restituir – ainda que por prestações parcelares – a sua integralidade.

Já o universo do olhar tem outra consistência. O olhar não descansa sobre a paisagem contínua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento. Aqui o olho defronta constantemente limites, lacunas, divisões e alteridade, conforma-se a um espaço aberto, fragmentado e lacerado. Assim, trinca e rompe a superfície lisa e luminosa antes oferecida à visão, dando lugar a um lusco-fusco de zonas claras e escuras, que se apresentam e se esquivam à totalização. E o impulso inquiridor do olho nasce justamente desta descontinuidade, deste inacabamento do mundo: o logro das aparências, a magia das perspectivas, a opacidade das sombras, os enigmas das falhas, enfim, as vacilações das significações, ou as resistências que encontra a articulação plena da sua totalidade.

Por isso o olhar não acumula e não abarca, mas procura; não deriva sobre uma superfície plana, mas escava, fixa e fura, mirando frestas deste mundo instável e deslizando que instiga e provoca a cada instante sua empresa de inspeção e interrogação.

Ao invés, pois da dispersão horizontal da visão, o direcionamento e a concentração focal do olho da investigação, orientado na verticalidade.

O olhar pensa; é a visão feita interrogação. (...). (CARDOSO, 1988, p.348-349).

Na sequência dessa epígrafe, estava a Carta de Aula enviada para a turma, conforme transcrevemos a seguir.

Estimad@s pós-graduand@s!

Refleti um pouco para organizar a **terceira prática de pesquisa**² prevista no cronograma deste seminário!

Sempre que olho para minha estante de livros, aqui no recinto onde trabalho, vejo o livro *O olhar*, organizado por Adauto Novaes, cuja leitura dos capítulos muito me inquietou durante meus modestos percursos no curso de mestrado em educação da UFRGS. Guardo esse livro em lugar especial, pois as palavras nele contidas muito ecoaram em meu processo de constituição como pesquisadora em permanente formação, os quais me colocaram nas rotas dos estudos em nível de doutorado e na curiosidade para aprofundamento da abordagem etnográfica em educação.

Reli e localizei minhas anotações registradas nas orelhas do livro ou nos destaques feitos em expressões que sintetizavam filiações e encantamentos. Como resultado, não hesitei. Optei por desafiar a turma ao exercício do olhar, para além da visão, na sintonia com o que Madalena Freire refere como sendo a aprendizagem do olhar, a educação do olhar da observação.

Então, a proposta é a seguinte.

Nesta semana fria e úmida de outono, maio de 2022, convido a cada integrante da turma a olhar para o seu entorno, a partir de sua janela ou da porta da rua, ou do caminho pelo interior da casa ou apartamento, ou no íntimo das imagens ou situações registradas em suas memórias, ou em algo que captura ou capturou o seu olhar nos últimos dias, ou nos ecos ou ruídos das notícias acessadas, ou ...

Sugiro que saiam de suas mesas de trabalho, que transitem pelo espaço possível de ser acessado, no tempo máximo de uns 15 ou 20 minutos. Após isso, encontrem um lugar confortável, fechem os olhos por uns 5 ou 10 minutos (mas não durmam, tá?) e procurem encontrar os objetos ou cenas que capturaram o olhar, quais imagens ficaram registradas, quais sentimentos e percepções emergem ...

Voltem para as vossas mesas de trabalho e procurem descrever o que os sentidos registraram. Não economizem nos detalhes, não aborem as reverberações que o exercício do olhar da observação provoca, por mais triviais que possam parecer.

Sintam-se livres para digitarem os registros na tela do computador ou para o fazerem através de manuscritos em vossas cadernetas ou diários de campo. Mas, o façam por meio de palavras.

Releiam o extrato de texto de Sérgio Cardoso postado na página anterior, releiam os vossos escritos e, se for o caso, usem cor de caneta diferente para acrescentar detalhes à escrita inicial.

Postem a atividade no AVA. Sintam-se livres para expressarem ou compartilharem os conteúdos da observação com os colegas da turma. Programei a atividade com interações por pares.

*Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos.
Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós paralisia, fatalismo cegueira.
Para romper esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica
nesse aprendizado da construção do olhar sensível e pensante.*

(FREIRE, Madalena. *Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I*.
2ª ED. São Paulo : Espaço Pedagógico, 1996.)

Um fraterno abraço a todos/as.
(Professora Nilda, em 03 de maio de 2022)

² Relembrando: tivemos outras duas práticas de pesquisa: construção de um questionário em grupos; parada reflexiva individual.

Pois bem, os prazos para a entrega da atividade foram estipulados no sistema do Ambiente Virtual de Aprendizagem do curso e da disciplina. Houve a necessidade de expandir e alterar a deadline para alguns, reunir todos os escritos, iniciar a leitura e comentar. Ah, também houve a interação por pares, através da qual o próprio sistema distribuía pelo menos um texto postado para um colega ler e comentar. As leituras para fins avaliativos iniciaram no feriado ampliado de Corpus Christi e foi necessário ser espichada ao longo dos quatro dias, dada a qualidade e sensibilidade inscritas pela turma nas palavras que nutriram os seus registros etnográficos.

Ao ler o último texto não houve dúvidas de que deveríamos promover uma socialização do Universo do olhar capturado pelos integrantes da turma, em um dado espaço e tempo da vida cotidiana e processo formativo de cada um, do coletivo e da humanidade. A ideia evoluiu no sentido de convidar a turma para uma publicação na forma de brochura, sem a pretensão de valorar cientificamente a obra, mas, como forma de sublinhar o valor afetivo e representativo das potências da aprendizagem do olhar da observação. Mas, como dar conta de organizar, revisar, formatar os textos, acolher os termos de concordância na publicitação de aspectos íntimos narrados, em alguns casos, promovendo a imaginação do campo de observação narrado pelos colegas? Uma ideia puxa a outra e culmina com uma ação: convidar a colega e orientanda da professora responsável pela disciplina a ajudar na organização da publicação. Convite feito, aceite manifestado, operação em movimento, editoração, convite para prefaciadora, trâmites burocráticos in progress.

E cá estamos, assinando a organização do livro, pensando na forma de divulgação em um Sarau, destacando que um pesquisador não nasce pronto, mas vai se constituindo nas relações que estabelece com os tempos, espaços, interlocutores teóricos e empíricos.

Assim, os vinte e oito textos aqui publicados testemunham a simplicidade e a grandiosidade da vida cotidiana e o valor do encantamento das coisas simples, como nos brinda o poema do poeta pantaneiro:

Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica
nem com balanças nem barômetros etc.
Que a importância de uma coisa há que ser medida
pelo encantamento que a coisa produza em nós.
(Manoel de Barros)

Nilda Stecanela
Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli



TESSITURAS DO COTIDIANO, DE ESCUTA E OLHAR SENSÍVEL,

um prefácio

Há alguns dias por meio de contato de WhatsApp e depois presencialmente em sala de aula, recebi o gentil convite para escrever o prefácio da obra “Universos do Olhar, Coletânea de Registros Etnográficos”. O convite chegou pelas palavras de uma das organizadoras, professora e doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Caxias do Sul, Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli. Honrada pelo convite, logo aceitei. Recebi o arquivo em .pdf e curiosa que sou (e que pesquisador não será?) no final daquele mesmo dia, mais precisamente a terça-feira 23 de agosto de 2022, quando a noite já avançava, li as primeiras páginas de apresentação. Uma narrativa leve, sensível, de uma generosidade para com o leitor e, em especial, de uma intencionalidade para com a prática pedagógica que me capturou. A carta escrita pela professora Dra. Nilda Stecanela foi provocativa, sensibilizadora, mas também formativa (vejam os textos que resultaram!). Os dias seguintes foram intensos, preparava eu – antecipando o possível – dias de ausência física na Universidade, posto que viajaria naquele final de semana para dias intensos de pesquisa e evento na Itália.

O compromisso com a escrita do prefácio me acompanhou. Li os escritos entre a viagem aérea de ida e o tempo nos aeroportos. A obra trata, justamente, do olhar e escutar como prática a ser apreendida pelo pesquisador. Etnografias da vida cotidiana. Dos processos educativos. Dei-me conta que meu olhar, pouco via, tantas pessoas e estar tão sozinha, sentimento contraditório, mas muito concreto nos aglomerados que são os aeroportos. Escutar? Nem pensar. Ouvia. Diferentes idiomas, músicas, chamadas de embarque, de chegada. Pessoas apressadas, outras entediadas, ainda aquelas entusiasmadas. Metáfora interessante para a vida e mesmo para a educação. Mas seguia atenta a leitura dos textos, pois fui cativada pelas palavras de cada um, do modo como cada estudante, no seu dia-a-dia significou a tarefa/proposta da docente. Para além do texto, ao final, um retorno de um colega-leitor sobre as impressões, os sentimentos, as emoções e mesmo as aprendizagens suscitadas. Mas não pense o leitor que vou antecipar os temas que seguem.

Escrevi, por fim, este prefácio inspirada nas intensidades que os dias que vivi me proporcionaram. Eu percorri bibliotecas e arquivos, buscando indícios de vidas outras, de sujeitos que viveram o processo migratório, da Itália ao Brasil e ao fazê-lo, produziram processos educativos no sul do Brasil, marcados por tal experiência. Em meio a documentos do final do oitocentos e primeiras décadas do novecentos, foi num final de tarde quente, de céu azul e com uma brisa soprando leve, na Biblioteca

Nazionale Braidense de Milão, que conclui a escrita do prefácio. Prédio majestoso como toda biblioteca deveria ser, junto ao Palácio de Brera. A sala em que estou, com paredes repletas de livros, todos nesta sala antigos, com prateleiras de madeira escura, teto abobadado com pinturas do final do oitocentos, continuamente me fazem pensar nas diferenças, na desigualdade e contradições. Cada parede tem uma escada, também de madeira que corre, são antigas, provavelmente do início do novecentos. Para os que amam os livros como eu, um lugar também inspirador, repleto de nostalgia, entre o antigo e o moderno, afinal vou digitando o texto deste prefácio com uso de tecnologias das mais recentes. Contradição, complexidade, miudezas, o humano e tudo o que o cerca, seus processos educativos e formativos, intensidades do viver.

Ah, caro leitor, é importante que eu mencione que penso a prática da escrita científica em Educação como processo de aprendizagem pautado em referenciais epistemológicos e teórico-metodológicos. Ofício que se renova por meio da inventividade e da produção de técnicas, procedimentos e modos de fazer a pesquisa a partir dos objetos que elaboramos e delineamos em nossos fazeres. A inversão escriturária é prática ética e no caso da Educação, envolve a sensibilidade de perceber o outro e seus processos de significação por meio da cultura. Cultura dinâmica, produzida e produtora, marcada no pertencimento do tempo e do espaço em que se vincula. Educação, cultura, formação e humanização são entrelaces necessários e potentes para o pesquisador. Não intento conceituar ou definir, mas pensar que são temas presentes nas linhas que compõem as páginas que seguem e merecem ser lidas ao sabor de cada narrativa.

Como escrevi, esta obra, delicada e sensível é resultado de uma prática pedagógica inventiva, em que a proposição da docente Dra. Nilda Stecanela, apresentada sob forma de carta e envolveu mestrands e doutorands na produção de uma escrita, sob ensaio etnográfico. Ao percorrer as produções, creio que a proposta foi além do envolvimento, foi uma experiência sensível de ver a si e ao outro, de escutar a si e ao outro, percebendo os contextos, em jogos de escala. Cada autor escutou e olhou os detalhes, as miudezas, as filigranas do cotidiano. Fez recortes, imprimiu modos próprios de narrar, optou por caminhos e modos de significar e representar o vivido, o percebido e o concebido. Profundidades diferentes são percebidas nas análises, assim como modos de ser, viver e significar a vida e a própria formação. São vinte e oito textos, cada qual, singular, inquiridor das sutilezas da vida cotidiana, repletos de sentido e emoções.

Vou finalizando este prefácio. Releio, penso... vou guardar o texto por mais alguns dias. Voltarei a ler este prefácio antes de dá-lo a ver ao outro.

Volto a escrita quase dez dias depois. Releio. Faço pequenos ajustes (como sempre!). Não sei se estou satisfeita ou se minhas palavras fazem jus a beleza dos textos que aqui estão. É preciso concluir, então finalizo o prefácio com o convite, a todos e todas, que leiam e se deliciem com os registros etnográficos produzidos por autores/pesquisadores da educação e que nos brindam com potentes narrativas etnográficas do cotidiano de suas vidas. Por fim, divido uma pequena citação, inspiradora, inscrita nas paredes de uma das livrarias que visitei e que diz muito da

obra que aqui está: “Um libro sogna. Il libro è l'unico oggetto inanimato che possa avere sogni” ¹ (Ennio Flaiano).

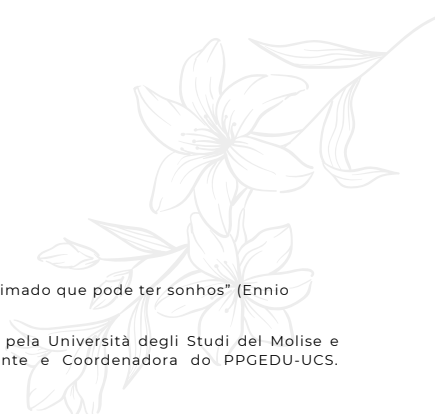
Boa leitura!

Por Terciane Ângela Luchese,²

Ao final do inverno no sul do Brasil e últimos dias de um verão quente em Milão, Itália.

¹ Tradução livre: “Um livro sonha. O livro é o único objeto inanimado que pode ter sonhos” (Ennio Flaiano).

² Doutora em Educação pela UNISINOS com pós-doutorado pela Università degli Studi del Molise e pela Università di Macerata. Docente do corpo permanente e Coordenadora do PPGEDU-UCS. Pesquisadora em produtividade do CNPq.





SUMÁRIO

Primeiras palavras: convite à educação do olhar – Nilda Stecanela e Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli	05
Tessituras do cotidiano, de escuta e olhar sensível, um prefácio – Terciane Ângela Luchese	09
1 Diversidade de olhares na investigação – Adão Carvalho	15
2 Havia dois quadros na parede! – Alexandre Roberto Faé	16
3 Olhando para fora, daqui de dentro, doida e doída – Aline Marques Copetti	19
4 Possibilidades nos olhares – Alini Cossul Martinelli	28
5 Tempos novos ou reavivados, momentos tão meus! – Amália N. Cardoso	30
6 Ver, olhar e a escolha consciente do uso do tempo – Ana A. Maciél Maia	31
7 Uma noite de outono através de uma janela – André Lunardi Steiner	33
8 Rosas brancas, hibisco rosa, flor de cactos magenta, pitanga vermelha: qual é a cor da generosidade? – Antonio Paulo Valim Vega	36
9 Alex, um Resiliente! – Betânia Maria Lidington Lins	40
10 Escrivadinha bagunçada: do caos surge a criação – Daniela F. Dal Pozzo	44
11 Olhares – Délma Tânia Bertholdo	45
12 Chuva, muita chuva. Neblina e frio. O Sol que abraça – Diana Lusa	47
13 Voando, fazendo ninho, sobrevoando... – Eduarda Monteiro de Souza	49
14 Ver e Olhar – Fernanda Rodrigues Zanatta	51
15 Olhar: uma visão para além do horizonte – Grazielle Dall 'Acua	53
16 Alzheimer, o ladrão de tesouros – Letícia Capra Rossetti	56
17 Sobre o viver, o ser, o ouvir e o olhar – Manuela Damiani Poletti da Silva	59
18 Entre objetos e afetos – Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli	61
19 Aprender com as crianças o que esquecemos quando adultos – Matheus Wilian de Jesus Reis	66

20 Olhar e memória de flores... a mais bela percepção – Michele M. Baptista	68
21 O olhar da professora numa tentativa de escrita solta: três historietas sobre momentos contemplativos – Mônica Scotti	69
22 O olhar, a escuta, o sentir – Querubina Aurélio Bezerra	72
23 Diário de um doutorando – Roberto Oliveira Batista Júnior	74
24 Observando... – Sabrina Arsego Miotto	76
25 Registros Etnográficos – Sidnéia Albuquerque Moreira	78
26 O olhar nosso de cada dia – Simone Viapiana	81
27 Não-presenças – Thainá Cristina Guedes	83
28 Um registro extemporâneo – William Gustavo Machado	85
Referências	87



DIVERSIDADE DE OLHARES

na investigação

ADÃO CARVALHO*

No outono temos dias diferentes, chuvosos e nebulosos, ventos gelados, temperaturas extremas, demonstrando que no mundo há movimentos e fenômenos de sentidos diversos que poderão ser capturados pelo olhar do investigador.

Olhando pela janela do meu “Eu sou pesquisador” constato, que tenho essência de ser pensante, com capacidade investigativa, com visão capaz de romper espessuras e profundidades, sem reduzir minha consciência (capacidade investigativa), mas, com olhar diferente, na diferença da diversidade, para além da ilusão que rastreia paisagens interiores (sentimentos, angústias, outros) e paisagens exteriores mostrando-me um mundo maciço com aparente acabamento e totalidade (meteorologia, estações do ano, solstício, luares), porém, postula investigação numa dimensão do olhar investigativo implicando presença no mundo dos seres pensantes apreendendo fenômenos muitas vezes com fragmentações e lacerações de contextos socioculturais, todavia, com potência de produção científica.

Contudo, o olhar da investigação postula aceitação de inacabamento e inconclusão do e no mundo, são imbricações que o investigador vivenciará, não-obstante, ainda assim, cabe o olhar investigativo do pesquisador.

Por fim, a pesquisa postula a presença do investigador porque indagações são férteis, e, não aceita ausência do rigor metodológico.

O mundo é diverso, como diversos são nossos olhares, e inúmeras serão as constatações e interpretações que os investigadores podem obter a partir do foco que escolherem dos seus objetos de pesquisa. Entendo que a “capacidade investigativa sem perder a consciência” que você se refere é seu reconhecimento que qualquer ato de observação vem carregado de sentimentos e experiências do observador. O ponto de vista da realidade sempre será a partir da lente da subjetividade.

Aline



* Mestrando do PPGEDU - UCS.

HAVIA *Dois* QUADROS NA PAREDE!

ALEXANDRE ROBERTO FAÉ*

Precisei descer à portaria do prédio para buscar duas encomendas. Resolvi realizar a prática de pesquisa e pegar os pacotes no retorno. Saí do prédio no meio da tarde do dia 4 de maio, uma quarta-feira cinzenta e úmida. Pretendia seguir por ruas menos movimentadas do bairro (moro próximo ao Fórum), passar pelo parque Getúlio Vargas e retornar pela rua Tronca e pela rua Luiz Antunes, que costumam ser bastante movimentadas. A ideia era passar por ambientes distintos.

Ao sair do prédio, um caminhão completamente amarelo, da empresa Mercado Livre, estacionado em frente, chamou minha atenção por sua cor destoante e pelo barulho de seu motor. Seguindo pela calçada percebi, subindo à rua, um catador de resíduos recicláveis empurrando sua carroça, protegido por uma capa de chuva. **Se a sociedade brasileira praticasse mais o ato de OLHAR com profundidade, provavelmente já teria minimizado o sofrimento e a invisibilidade desses trabalhadores. Um olhar atento e empático tem o potencial de produzir caminhos e soluções, seja através do poder público ou da iniciativa privada.**

Atravessei a rua Almirante Tamandaré e escutei o som de água corrente passando por baixo de um bueiro. Na sequência, olhei para uma imponente planta e notei que não conhecia aquela espécie. Ao observar um carro estacionado, ao lado da planta, reconheci a marca da montadora. Percebi que reconheço inúmeras marcas de montadoras e poucas espécies de plantas. **Seria isso resultado de uma educação que apenas reproduz o estado e os valores de uma sociedade voltada ao consumo? Não lembro de aprender e valorizar espécies de plantas na escola. Lembro de poucas aulas em contato com a natureza.**

Atravessei a Luiz Antunes e entrei na rua que dá acesso ao complexo do Centro de Cultura Ordovás. Virei à esquerda, na pequena rua que contorna o Fórum e um senhor passou por mim fumando cigarro. O cheiro se manteve no ar por algum tempo. Passei por uma casa muito antiga. A janela estava aberta e deu para perceber a televisão ligada. A casa devia ter mais de 80 anos. Imaginei quantas histórias de vida passaram por ali, quantas gerações de pessoas e como a paisagem deve ter se modificado ao longo desse tempo. Dobrei à esquerda, na Dr. Montaury, passando por um cachorro branco que observava as pessoas. **Talvez o cachorro pratique mais o OLHAR que o ser humano.**


* Mestrando do PPGEDU - UCS.

Segui pela Dr. Montauray observando os prédios modernos, envidraçados e os arranha-céus do centro de Caxias. Atravessei a Tronca e passei por uma academia. Havia poucas pessoas treinando. No outro lado da rua, um prédio imponente em construção e um ruído de obras. Na sequência, vi uma lixeira amarela de materiais recicláveis com a tampa danificada e lixo na calçada, ao lado da lixeira.

Ao entrar no parque, senti o odor de plantas úmidas em uma mistura agradável. Muitas folhas com tons amarelos, vermelhos e marrons, caídas no chão, evidenciando a estação de outono. O parque estava quase vazio. Percebi apenas a presença de pessoas na lanchonete. A ausência de pessoas e de veículos permite que outros sons, agradáveis, se destaquem – pássaros cantando e folhas de árvores agitando-se. Um pardal pousou embaixo de uma planta. Talvez quisesse se abrigar de uma possível chuva.

Na saída do parque, o barulho pesado e incômodo de automóveis na rua movimentada. Atravessei a rua e reparei algumas bandeiras do Brasil em janelas de prédios. **O que representa a bandeira? Suscita sentimentos diferentes para pessoas de diferentes formações culturais ou ideológicas? O historiador Yuval Harari destaca que o ser humano diferencia-se das demais espécies pela capacidade de abstrair e de criar ficções. Países, fronteiras, bandeiras, Estados e governos são o resultado da faculdade do *homo sapiens* de criar esses objetos. Sentimentos como o patriotismo são derivados dessas crenças. Yuval questiona o patriotismo excessivo, pois regimes como o fascismo e o nazismo resultaram do ultranacionalismo.** Entrei na Luiz Antunes e uma senhora passou por mim com um pacote enrolado sobre um pão recém feito, exalando um odor que evocou uma vontade de saborear aquele pão.

Reparei na pressa das pessoas. Eu estava com uma passada lenta, os olhos atentos e o pescoço revirando calmamente, por um ângulo aberto, em vários momentos. As pessoas seguiam com passos largos e o olhar voltado para frente. Ao parar na sinaleira, observei os postes cheios de fios, poluindo a paisagem. Uma pessoa parada ao meu lado estava olhando para seu celular. Quando o sinal abriu, a pessoa seguiu observando o celular e caminhando pela faixa de segurança. **As novas tecnologias e mídias têm reduzido cada vez mais nossa capacidade de olhar, e portanto, de refletir, de pensar?**

Após atravessar a rua, começou um chuveiro fino e gelado. Puxei o capuz e segui. Será que o pardal ainda estava sob aquela planta volumosa e cheia de folhas? Será que os sentidos do pardal permitem que ele preveja a chuva?

Ao seguir pela Luiz Antunes vi, novamente, o caminhão amarelo do Mercado Livre. Seria o mesmo caminhão? Imaginei que sim, pois estava a uma quadra do local que havia visto anteriormente. Entrei na Almirante Tamandaré e reparei o adesivo de um clube de futebol no para-choque de um carro. E a chuva seguia, sem tréguas, quando cheguei em frente ao prédio que moro.



Entrei no prédio e peguei os pacotes com as encomendas. Ao acessar o hall parei para observar a parede e fiquei estarelecido. Na parede há dois quadros de mesmo tamanho, que devem ter mais de um metro de altura. Um deles apresenta uma pintura abstrata com tons de cinza, amarelo, laranja e marrom. O outro, ao lado e um pouco menor, foi pintado com tons próximos, porém com uma rua cercada por prédios e algumas pessoas caminhando, em um ambiente *noir* e céu acinzentado.

Trata-se de um lindo par de quadros que harmoniza muito bem com o hall do prédio. Eu moro há 4 anos nesse prédio. Percebi que havia VISTO esses quadros mas nunca havia OLHADO para eles. O registro dos quadros permanece em minha memória. O ato de OLHAR é PERENE. Eu os havia visto e o cérebro não registrou. O ato de ver é fugaz. Nesse sentido, me questiono: a existência dos quadros, para mim, se deu apenas no momento que efetivamente olhei para eles? Se não olhamos profundamente, estamos participando de sua existência?



Alexandre,

Boa noite.

Espero que esteja bem. Adorei sua reflexão. Traz uma bela síntese entre o ver e o olhar, e como essa dicotomia está tão presente e incrustada na minha sociedade. Desde um pequeno ato de olhar os dois quadros que nunca tinham te tocado antes, até questões sociais mais profundas como a invisibilidade de moradores de rua. Temos essa urgência da produção e do trabalho, de não pararmos nunca, de sempre estarmos dispersos em tantas atividades que nem nos damos conta do que é o ser humano, não nos percebemos nessa capacidade de olhar, perceber, nos dar conta, questionar e fazer algo a partir do que é olhado. Talvez o ato de ação-reflexão-ação? Muito provocador e reflexivo, parabéns pela escrita e sensibilidade.

Thainá



OLHANDO PARA FORA, DAQUI DE DENTRO,

Doida e Doida

ALINE MARQUES COPETTI*

✓ ANOTAÇÕES RÁPIDAS PARA NÃO ESQUECER DEPOIS

PENSAMENTOS PRÉVIOS

Frente à proposta de trabalho, peguei-me num sobressalto: terei que descrever o que observo, indago, imagino, penso, sinto, através do meu olhar? Envolver minhas emoções nessa escrita?

Pelos debates em aula, entendi que, apesar da relação de sinonímia entre as palavras ver, enxergar, olhar, elas não são idênticas. Posso ver as mesmas coisas que as outras pessoas, posso ver alguns detalhes a mais ou a menos, condicionada à atenção da visão; porém, a minha interpretação do que vejo depende do reflexo do meu olhar subjetivo. Muitas vezes usei a frase ao contrário: **tem gente que olha, mas não vê.** *Quando der um tempinho, preciso aprofundar os significados e sentidos de cada palavra.*

Vamos lá! Mesmo que meus olhos estejam marejados de lágrimas... A palavra é terapêutica, falada ou escrita. Quem fez ou faz terapia ou análise sabe. A escrita é expressão. Liberdade. Tenho que buscar minhas anotações sobre Paulo Freire, para complementar esse trecho. Hoje não vai dar. **[Tenho pouco tempo nesses últimos dias. Tenho me ocupado com algumas questões...]**

É para escrever o quê, mesmo? Penso em enviar um e-mail e esclarecer com a Profe Nilda. (Reconheço que não consegui me concentrar em todas as explicações da aula passada). Quem sabe comunicar que não vou conseguir realizar essa tarefa. Meu olhar está prejudicado. As emoções estão exacerbadas. Não. Estarei fazendo o mesmo que meus ex-alunos nas aulas de Língua Portuguesa. Eu elaborava com tanto esmero as questões, e no final eles perguntavam: “Profe, mas o que é para fazer?”. Decidi. Não vou perguntar, mesmo que minha habilidade interpretativa esteja enfraquecida pelo momento. E mesmo que eu me exercite sem relação nenhuma com a proposta. ***Mas estou sentindo que essa escrita me fará bem.***



Já sei. Sou sujeito investigador. [Preciso pegar uma citação que aborde o envolvimento do pesquisador com sua pesquisa e que o resultado desta está condicionado ao seu olhar (não vai dar tempo).] Outro professor falou quarta passada: as pesquisas são subjetivas. Nessa caminhada inicial do Mestrado, já percebi que eu componho meu objeto de pesquisa. Acreditava que eu queria analisar os outros, mas descobri que vou me autoconhecer ainda mais depois que terminar minha dissertação. Talvez era um novo encontro comigo mesma que eu estava buscando.

Já sei o que tenho que fazer para esse trabalho final: escrever, certo! A profe deixa a gente livre, ela reforça que estamos nos exercitando na escrita. Ela não pediu gênero específico. Deixou em aberto (...). Li novamente as instruções, pela terceira ou quarta vez (complexo o pensamento desse autor... não, nem tanto, mas tem que ler com atenção. Acho que estou desatenta). Parece-me que posso escolher como escrever. Vou me livrar das amarras. Vou só olhar. Vou olhar. E escrever, é claro! Sem gênero conhecido. Vou desenhar essa escrita. Aos poucos. Em pequenos pedacinhos. Olhando para fora, aqui de dentro.

ESCOLHA DO LOCAL

Esse foi o primeiro lugar que veio em mente ao ouvir a proposta da profe. É o lugar do qual eu já exercito o observar. Não aprofundado, claro, com esse intuito do olhar, analisar, registrar. Geralmente, observo livremente, distraída e desinteressada, sem foco.

Durante a pandemia, olhei muito para fora, pela janela da minha sacada: **a lente escolhida para essa observação interpretada**. A paisagem é em direção Oeste. Rua movimentada. Agitada. Do alto. Horizonte distante.

Nos tempos de isolamento - por longos dois anos, como professora -, eu vivi, revivi, lembrei, esqueci, deletei, retomei, escolhi, chorei, vibrei, refleti. Convivi com as presenças e as ausências. Aprendi. Todos esses sentimentos e vivências tiveram seus momentos de abstração, através da janela da sacada do meu apartamento. Foi ali também que decidi me encorajar para o Mestrado (resultado de reflexões durante a pandemia), após 10 anos de desejo não atendido e protelado. **Catei tempo estreito nas entrelinhas do cotidiano**.

Tenho que comentar que adoro a posição solar do meu apartamento (foi minha prioridade na hora da escolha). Também tem uma janela Leste (paisagem em rua calma, de duas quadras apenas). Um refúgio. Dá para ouvir o canto dos passarinhos ao amanhecer. O oposto da que escolhi para essa escrita. Durante a pandemia, era o local de internalização. Descanso. Brincadeiras infantis com minha filha. Imaginação solta, como se tudo estivesse bem e igual no mundo lá fora. Pois desse lugar, a calma era a mesma, antes e durante a pandemia. Essa janela vou reservar para outra história, quando eu quiser falar do sublime prazer de nada analisar. **Transcender além do que está aqui**. Esvaziar. Porque agora estou repleta de sentimentos, confusos e misturados, igual à perspectiva da janela Oeste.

Dessa janela, hoje, ao olhar para fora, nesse exercício de observação dos detalhes, me fez lembrar dos meus registros fotográficos, durante a pandemia, dali desse mesmo ponto **[tenho que colar alguns aqui, não posso esquecer]**. E lembro como essa rua ficou irreconhecível em seu novo status de silêncio, no auge das quarentenas. O som dos passarinhos mais distantes eram audíveis. Até o cocoricó que vinha da “casa sítio”, que se conserva em meio aos prédios, me acordava antes do despertador. E enquanto eu olhava pela janela, me perguntava, quantas pessoas estão a contemplar esse pôr do sol agora? As que passam apressadas lá embaixo não...

Dessa janela, e da do Leste também, pensei e conversei com minha mãe, dentro do meu coração e mente. Eu sabia algumas respostas que ela me daria. Algumas respostas, na dúvida, inventei. Às vezes, também ouvia sua voz se materializar na minha imaginação 3D: “Eu não sei, Aline”. “Aline, POR FAVOR” (não pedindo um favor, mas me repreendendo por uma ideia ruim). Noutros dias, imaginava conversar com minha tia, a Dinda de todos os primos na infância. A tiazona dos quadros de sobrinhos espalhados pela sua casa.

Não acredito em lugares além do horizonte, mas como humana, fruto cultural, não deixo de, às vezes, me entregar a uma imaginação confortante: se há um lugar, elas estavam lá, sem medo de pegar Covid, como todos estavam aqui. A falta se fez muito presente durante a pandemia, quando foi preciso que nos reservássemos a nossos pequenos universos. Aprendi, durante esse tempo, a fazer a dor recente se diluir em saudade. E entendi que as pessoas se vão, mas elas também ficam, de certa forma, na e com a gente.

Preciso introduzir esse assunto sobre minha janela, a importância que ela tem em minha vida. O olhar através dela está inundado desses sentimentos.

OBSERVAÇÕES, INDAGAÇÕES, O OLHAR (DE MIM E DO OUTRO)

A rua lá embaixo é caminho apressado. Quase todos correm. A pé ou de carro. Na espaçosa lateral, há disputa para as vagas de estacionamento. Não raramente, uma buzina e xingamento. O outro errou. “Eu também erro, às vezes”, aquele outro pode pensar. Mas o erro do Outro no trânsito é maior, quase imperdoável. Quando alguém manobra para estacionar, o impaciente atrás desvia. Alguns só seguem seus caminhos, aqueles aceleram raivosos, como se o outro não tivesse o direito de estacionar. “Talvez vai salvar a mãe da força”, como minha mãe dizia. **Que fala mais antiga...**

As vagas são poucas para tantas urgências. É a farmácia, o banco, a loja, a hamburgueria. O escritório de contabilidade: o prazo está vencendo. E as velhas notícias retóricas: “há poucos dias do fim do prazo para declaração de imposto de renda, apenas tantos [...] % de brasileiros já entregaram a sua para o Leão” A minha está entregue, fiz lá nos primeiros dias em que o Programa foi liberado. Minha mãe sempre dizia: **primeiro a responsabilidade.**

(...)

Tem o prédio das clínicas também. Nunca tinha parado para pensar nos diferentes atendimentos que devem oferecer ali. Talvez por isso esse estacionamento está sempre cheio. Tem ainda a pequena agência de viagens. Nos horários que consigo pausar e olhar para fora, está sempre fechada. Será que continua atendendo? Não quebrou durante a pandemia? E só restou a placa...?

(...)

Aquela farmácia está sempre aberta. Quando preciso de qualquer item de lá, penso que é tão bom ter uma farmácia aberta por perto. Bom, se pensar melhor, há uma farmácia igual a essa, em média, a cada dois quarteirões da cidade. Pessoas trabalham lá no domingo. Gosto tanto de não precisar trabalhar no domingo. Os e as atendentes geralmente estão mal-humorados e mal-humoradas nesses dias. Acho que eu também estaria. Trabalhava nos domingos, ajudando meu pai, na minha adolescência. Essa necessidade financeira fazia com que eu me sentisse injustiçada em relação às minhas amigas, que podiam se reunir para ouvir música, ligar para o 138, ou caminhar no Shopping Pratavieira (SIMMM... sou de uma geração anterior...).

(...)

O tumulto cotidiano no horário do rush (ainda se usa esse termo?) é tanto que quase ninguém deve lembrar do Clube derrubado para a construção de tantos edifícios. Eu mesma, quando vim morar atrás dessa janela, demorei para perceber o que antes estivera ali. O Clube foi esquecido?

(...)

Esses dias terminaram a construção de um prédio novo. Nos tempos de seca, há uns meses atrás, num domingo de manhã, quando quase todo mundo dorme (menos eu e alguns outros transeuntes que saem para caminhar lá embaixo), o moço lavou o telhado desse novo prédio com lava-jato. Não havia testemunhas. Há não ser a moça da sacada Oeste. E as propagandas imploram: "Cuidem do Planeta que você deixará para seus filhos".

(...)

Lá à frente tem uma faixa pequena, bem arborizada. Não é praça nem nada. Apenas um vão, que durante a construção das vias ao seu redor, não se encaixou na planta arquitetônica. Então, foi sorte das árvores que ali estavam, talvez centenárias, ganharam **mais um tempo** aqui. Tempo.

As copas das árvores se juntam, formando uma cúpula. Sob elas, há um inquilino. Na grande extensão dessa rua larga, que atravessa todo o centro e sai da cidade, já é comum encontrar inúmeras pessoas dormindo; principalmente, nos primeiros horários da manhã. "Estamos quase igual Porto Alegre", ouço falar. Não. Ainda não. Quem circula bastante pela capital, percebe que ainda temos que piorar muito para chegar ao mesmo nível. Temos que piorar? Não dá para controlar essa situação que já está tão ruim?

(...)

Esses dias ouvi o programa “Pedro pelo Mundo”, no GNT (adoro esse Programa, que me permite conhecer lugares que não posso visitar). Realista né! Vão me dizer: você pode visitar sim, é só querer kkkk. Talvez algum deles eu ainda possa ir. Mas todos esses? Não, né!

O apresentador contava uma história da Colômbia. Comentava sobre os conflitos, sobre o narcotráfico, e sobre a transformação de uma região tomada pelas drogas e violência. Educação, lazer e planejamento mudaram a comunidade local. **[Vou procurar no Gntplay esse episódio, para acrescentar maiores informações. Não sei se vai dar tempo.]**

É emergente que nossa cidade comece essa mudança social. As pessoas estão pelas ruas, desabrigadas, drogadas, prostituídas. Crianças maltrapilhas crescem aprendendo que essa vida é normal. Normal? Se seguirmos toda extensão dessa rua que passa lá embaixo, há muitas camas a céu aberto. **Bem visíveis.**

Tenho que comentar que hoje, ao almoçar no restaurante da esquina da escola da minha filha, uma família inteira ainda não havia acordado e saído de seus quartos. O quarto era um cobertor enorme encobrendo seu corpo todo. E o que fazemos? O que podemos fazer?

Esses dias, um andarilho, visivelmente drogado, na saída do banco, pediu um troco para mim, quando eu estava com minha filha. Eu disse que não tinha. Ele disse que precisava almoçar. Por receio, ao ouvir sua fala agressiva, me afastei. Ele proferiu algumas palavras que não me atingiram, mas creio que era sua intenção: “um dia pode ser uma filha tua”. **Talvez esse assédio emocional tenha funcionado em outro momento.** Que dilema: sou solidária e doo um prato de alimento? Ou sou indiferente, com a desculpa que não posso alimentar seu vício também?

(...)

Eu preciso abrir alguns livros ainda fechados que eram da minha mãe, que fazem parte de uma coleção, na qual cada livro aborda a história de cada continente. **Outra forma de conhecer lugares, igual ao Programa do GNT.** Ela dizia que viajava pelos livros, pelos lugares que não pôde estar. Minha mãe era formada em História, queria ter viajado para muitos lugares, mas conseguiu estar em poucos, pelo menos fisicamente. Aliás, não conseguiu ler todos os seus livros, ir a todos os lugares do mundo pelas páginas coloridas daquela coleção. Estão expostos ao lado da minha janela, da minha sacada, do meu apartamento.

(...)

“Mais um tempo” para a vida das árvores, lembrei. Não posso esconder. Era sobre isso que antes me referia. **“Não vou conseguir fazer esse trabalho”**. Quando recém aprendi a conviver com as saudades, alguém está se despedindo novamente... “Pode descansar, pai”. Há tão pouco tempo ele descobriu o prazer de curtir, passear, não trabalhar em demasia. Não correr tanto, como essas pessoas lá embaixo. Ganhou um bônus há um tempo atrás. Aproveitou bem, do seu jeito. Mas o tempo passa veloz. Mais rápido que esse motoqueiro maluco que quer chegar cedo demais a algum lugar logo ali em frente. Por causa dessa velocidade, seria bom olharmos para as pequenas pausas do dia. Ficaremos bem, pai! Pode seguir a sua jornada....

Como eu poderia olhar para os Outros num momento que sinto as emoções à flor da pele mais uma vez? Sem influenciar o olhar? A pandemia foi dolorida para tanta gente. Como pode ter sido tempo de cicatrizar feridas para mim? Mas como toda grande cicatriz, se cutucar com o dedo dói. **Hoje minha ferida está cutucada.**

Então pensei que deveria me entregar a uma narrativa de vida, autobiográfica. Será que um diário de campo de um etnográfico é parecido? Na minha pós de especialização, um professor, cujo nome não lembro, havia morado um tempo numa comunidade para fazer sua pesquisa. Quando ouvi sua história, senti vontade de fazer o mesmo algum dia. Usando as palavras da Profe Nilda: **“me encharcar daquela cultura”**. Quem sabe algum dia eu tenha essa oportunidade. **Na época da pós, creio que nunca nem tinha escutado a palavra etnográfico. Ou eu não prestei atenção.**

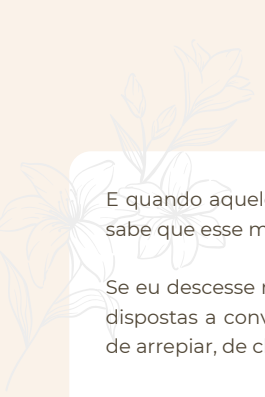
(...)

Minha vida é muito mais que essas sensações e percepções. Mas hoje, agora, a despedida iminente dói. Toma conta de qualquer reflexão e narrativa.

Escrevi, não porque considerava imprescindível realizar a tarefa (eu poderia mandar um e-mail explicando para a profe, e pedindo um prazo maior, era um motivo justo). Mas eu quis usar esse direcionamento da escrita como uma **catarse**. Estou me sentindo mais leve. Mais preparada para a despedida. Estou me sentindo bem, na medida da música “That I Would be Good”, da cantora Alanis Morissette, que estou ouvindo nesse exato momento. **Que retrô! Que cringe! Diriam! (Quem diria? O que importa?).**

As pessoas lá embaixo sabem como dói perder alguém? A maioria deve saber sim. Ou como dói se despedir de tanta gente boa em tão pouco tempo? 5 últimos anos. 3 ausências. Minhas referências. Tempo que equivale à metade da vida da minha filha.... **vou precisar explicar para ela, hoje, sem falta, mais 1x.**

Quando ouço agora o barulho da moto acelerada, me pergunto: esse moço não sabe que ele está colocando em risco o que tem de mais precioso? Não tem filha em casa esperando?



E quando aquele senhor antes xingou o rapaz que demorou para estacionar, ele não sabe que esse moço tem uma história? E que ele mesmo tem uma história?

Se eu descesse nove andares e abordasse as pessoas lá embaixo, e se elas estivessem dispostas a conversar com uma estranha, doida e doida, elas me contariam histórias de arrepiar, de chorar, de rir, de desejar, de esquecer, de superar...

Do que as pessoas correm? De onde? Para onde? De quem? Se apressam. E não se olham. Para não enfrentar o olhar de si mesmo e o olhar dos outros? Quantas cabeças baixas. Eu só ando de cabeça baixa, olhando para lugar algum, quando estou triste, como agora. Mas lá embaixo há várias pessoas andando de cabeça baixa. Menos o mendigo e o vendedor ambulante, haitiano (ou será seleganês?), que olham para cima, mas por outro motivo. O primeiro procurando esmola, o segundo um dinheiro para o sustento de sua família, muitas do outro lado do oceano. Imigrantes. Como eu. Muitos que se sentem donos dessa terra. Donos da terra? Dono foi quem chegou primeiro? Dono de quê? De onde? **Somos apenas inquilinos.**

Eu consegui escrever algumas anotações. Não sei se era essa a proposta. Mas era o que eu sentia. Talvez se aproxime do que a profe pediu, ou esteja distante demais. Não sei.

Eu até consigo camuflar os sentimentos e escrever sobre conceitos no meu projeto, mesmo que essa semana tenha sido indispensável uma pausa. Mas esconder os sentimentos no papel de observador? Vou ter que dizer para a profe que foi impossível. Uma barreira difícil e dolorida a esse exercício, que demandava envolvimento emocional. E eu estaria mentindo se fizesse diferente. Quase uma traição comigo mesma e com meu momento. Só assim foi possível, colocando-me na escrita, quase que por inteira. **Que alívio!**

(...)

Na minha dissertação, vou ser objeto de pesquisa também. Como profissional. Estarei me visualizando nas minhas descobertas e compreensões conceituais e de observação de campo, do qual faço parte.

Estou pesquisando sobre a Cultura Escolar Inclusiva. Retomando os meus percursos nas duas graduações, na pós e nas minhas escolhas profissionais, constatei que eu sempre direcionei o olhar para a Cultura, com outros nomes, com outras roupagens, mas ela estava ali.

(...)

Pronto. Hoje estou pronta a seguir em frente. Por algumas horas. Depois vou voltar à minha janela, e me alimentar de olhares. Da energia do horizonte.

Estou fazendo o que meus pais ensinaram, cada um à sua maneira: levanta a cabeça e olha para frente. Foi a frase que a minha mãe me disse no dia em que mais precisei dela.

(...)

Quando eu falo com as pessoas, eu procuro olhar além. Nem sempre consigo, claro. Às vezes, até, me perco no Outro.

Quando conheço alguma história particular, compreendo muitas questões em relação àquela identidade. “Descompreendo” outras, que escapam de minha habilidade perscrutadora.

(...)

Vivemos de aprendizados culturais. Alguns podemos reciclar. Outros não conseguimos abandonar. É a nossa identidade em transformação.

Será que as pessoas formiguinhas lá embaixo também só estão seguindo o que lhe ensinaram? Quais delas romperam barreiras? Quais delas fazem a diferença? Ah... talvez aquela que parou na faixa de segurança para as pessoas atravessarem. Aquela que estacionou um pouco mais longe do seu destino, para não permanecer em fila dupla, e nem estacionar na vaga reservada ao deficiente físico, nem que seja por alguns instantes.

(...)

Diariamente, passam ambulâncias na rua movimentada. É rua que atravessa a cidade. Na rua calma, passeiam cachorrinhos, com seus tutores, sem guia. Com os cachorrinhos foi fácil se acostumar. Com as ambulâncias, tive uma relação demorada, curiosa de início. O que houve? Para onde vai? E quando é um comboio de ambulância? Agora quase não escuto sua sirene. Me acostumei.

Na rua calma, a Leste, em sua curta extensão, as poucas pessoas que caminham por ela, se cumprimentam, mesmo não se conhecendo. Engraçado! Lá embaixo, na visão Oeste, parece que quase ninguém enxerga o Outro; se esbarram.

(...)

Quando alguém me visita pela primeira vez, se admira com o horizonte. Ainda mais à noite, com as luzes acesas lá fora. Percebi que meu olhar acomodou-se um pouco. E isso assusta. A naturalização do espetacular. A fome e o frio como normal. A comunhão na falta de empatia. Mas quando pauso, há o encanto.

Que fosse comum parar, olhar para o Outro que está à nossa frente, aguardando para atravessar. Ele também pode, assim, direcionar seu olhar para gente.

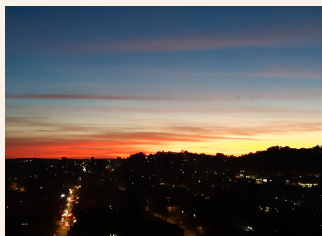
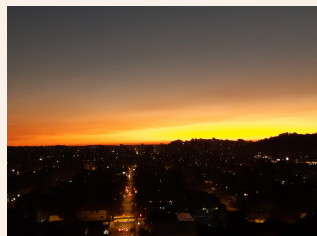
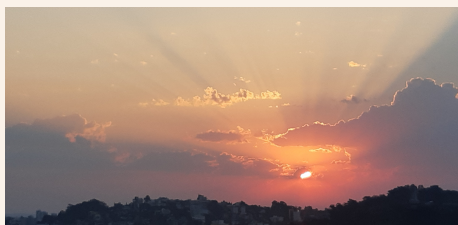
Que constatação não muito útil: Lá embaixo há mais espaços vazios, do que lugares ocupados por pessoas.

O que há nesses vãos? Barreiras ou pontes? Escudos ou linhas?

Visão ou olhar?

BÔNUS

Alguns retratos tirados durante a pandemia, sem filtro, igual à minha escrita. Sim, a Natureza é bela sem filtro. Não é preciso proferir algo do tipo: “Nossa, de tão linda, parece uma flor artificial” “Esse azul nem parece natural!”



Sim, é!

Olá, Aline...

Não sei... Se começo elogiando seu texto, se comento por partes, se tento seguir nesse embalo, se devo ter uma pretensão de “analisar”. Essa última com certeza não. Qualquer uma é uma pretensão. Talvez eu queira tentar seguir. Porque gostei. Porque foi bom ler. Porque é bom sentir uma escrita de alma. Ou simples. O simples não é da alma? Viu só: segui no estilo? Tentei, pelo menos. De qualquer forma agradeço o texto compartilhado. Sou chato - algum filósofo não é? Talvez porque não sinta verdade, talvez porque sou virginiano também. Enfim... Nesse texto senti uma verdade. De carne e osso e lágrimas. Me senti como parte desse mundo escrito por um instante. E é por isso que me sinto grato: a leitura foi um instante. Raros são os instantes. Estamos sempre correndo. Não é o que você (nos?) escreve? Se não é, é o que dizem. Foi um prazer ler esse belo texto, fenomenológico, íntimo e raro. Ingênuo, entregue, corajoso. Parabéns (?) e obrigado.

Um abraço, William.

Possibilidades

NOS OLHARES

ALINI COSSUL MARTINELLI*

O convite para fazer esse registro etnográfico foi de uma sensibilidade ímpar. Trazer essa provocação do sentir, com a amplitude dessa palavra, faz com que eu, neste momento, como iniciante no mestrado, sinta o meu coração aquecer.

Tenho o privilégio de trabalhar em frente a uma belíssima praça, muito florida. Fiz a minha parada e sentei naquele espaço encantador. Tenho hábito de fazer isso, mas dessa vez foi diferente, muito diferente. Quero relatar que meus olhos realmente enxergaram detalhes que nunca havia visto, meus ouvidos foram capazes de escutar e não somente ouvir. A melodia que tem naquela praça é uma mistura de turistas que contemplam e registram aquele espaço junto com sorrisos e sempre acompanhados de uma música muito característica daquela comunidade, que é a música alemã, que ecoa dos alto-falantes espalhados na praça.

Fato curioso é que nesta praça há um labirinto, labirinto verde, que desafia a quem olha para ele a encontrar o caminho. É assim que, por muitas vezes me senti e me sinto no percurso do mestrado. Qual é o melhor caminho? Ah, encontrei.... Será? Logo ali na frente não há saída, preciso voltar, retornar o caminho já feito para encontrar outro. Labirinto de palavras, de possibilidades, de dúvidas, de vontades. Mas sempre há uma saída.

Observando as pessoas no labirinto, percebo que quando elas fazem o percurso juntas é mais divertido do que sozinhas. Penso que assim também é o caminhar no mestrado, por mais que a motivação seja minha, ter apoiadores no caminho é fundamental, nos deixa mais feliz e leve.

Sei que estou apenas no começo, mas quero compartilhar que não sou a mesma que iniciou, já consigo olhar no retrovisor e ver que o meu labirinto está apresentando o caminho.



* Mestranda do PPGEDU - UCS.

Ao estar na praça, meu corpo foi encharcado de um bem-estar, me senti leve, o vento era suave, a temperatura amena, e o sol aquecia os meus pés. Típico dia de outono, que me remeteu a uma saudade, sim saudades de quando sentava com a minha mãe ao sol, para como ela mesmo fala: vamos "lagartear", ou seja, tomar sol. Tenho a alegria de ter ainda minha mãe neste mundo, porém não próxima de mim, não posso sair correndo para o colo dela quando me sentir cansada ou com medo, como fazia quando criança. Ah, saudades, ainda mais no mês de maio, dedicado às mães, símbolo de amor e doação. Amor e doação essa que estou colocando para escrever o meu tão sonhado mestrado.

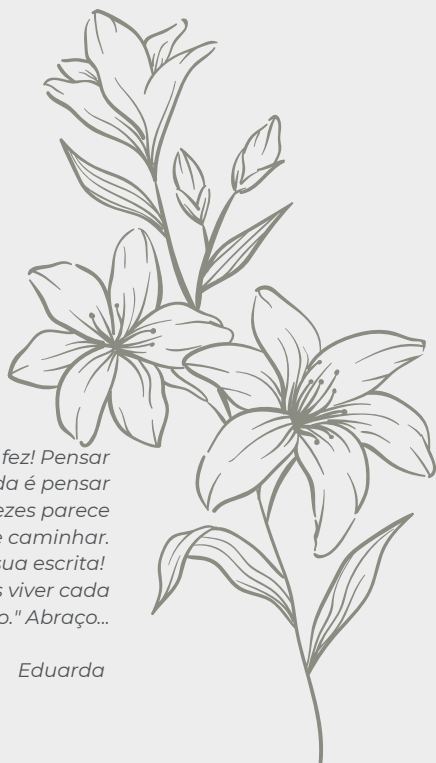
Naquele espaço me senti acolhida, minha percepção foi que as flores que ali estavam, observavam e sinalizavam que tudo vai dar certo, que o caminho do mestrado será colorido e feliz, lembrando que sempre há possibilidades nos labirintos.

Por vezes se faz necessário olhar de cima, se afastar do objeto para ter fôlego de prosseguir. Importante essa conexão comigo mesma, lembrar que tenho capacidade de perceber muito além do que estou corriqueiramente acostumada a fazer.

Gratidão por proporcionar esse momento simbólico e desafiador, de um olhar para o interno e externo: de possibilidades de olhares.

Pensando em algo para iconografar esse momento, compartilho a imagem abaixo, e desejo que você e eu possamos descobrir as alegrias do caminhar no labirinto, olhando para o caminho e todas as suas possibilidades e não somente para a chegada.

Fonte: <https://www.vivarnovapetropolis.com.br/o-que-fazer-labirinto-verde>



Que olhar sensível e comparação bela essa que você fez! Pensar que sempre há uma saída é reconfortante, melhor ainda é pensar que se pode aproveitar esse caminho, que às vezes parece confuso, mas que pode ser delicioso e divertido de caminhar.

Obrigada por sua escrita!

Me remeteu a conforto e a pensar que devemos viver cada momento no mestrado, com "amor e doação." Abraço...

Eduarda

Tempos novos ou reavivados, MOMENTOS TÃO MEUS!

AMÁLIA NOEMIA CARDOSO*

Ao me permitir fechar os olhos, por 10 minutos, e sentir que sensações vinham à tona...

Após a minha caminhada pelo apartamento onde moro e na sacada de fundos que dá para a Perimetral Norte e realizar algumas visualizações naquilo que chamava mais a minha atenção...

Delícia de relaxamento, quietude, mesclado a lembranças visuais na mente... calma e leveza... a lembrança da claridade da chama do fogão (ao passear pela cozinha) e da lua, visualizada na sacada remetem ao sentimento de calma e clareza... Sentimento de há quanto tempo não fico quieta assim, de olhos fechados... o *motoboy* só que transitava na Perimetral com pressa, lembrou-me a correria do dia a dia, mas de olhos fechados a sensação é de sossego...

De olhos fechados lembrei da **escuridão da noite** na sacada e da **escuridão do céu** que deixava ver apenas parte da Lua... **senti como se não percebesse nada**, e ao mesmo tempo, a lembrança dos espaços que conheço, **porque o local me é familiar**.

Sensação da incerteza, mas como algo passageiro... nossa, nem sabia que poderia em algum momento me ater a esse detalhe. O grande muro que se formou na escuridão, com as árvores pertinho umas das outras, do outro lado da Perimetral, lembrou-me algo para desbravar, conhecer, mas difícil... assim senti, pois é um espaço não habitado, apenas árvores... no escuro, **parecia um grande muro**... Fiquei feliz, porque algo ainda não está modificado pela urbanidade.

Organização... os móveis estavam no mesmo lugar no apartamento. Há quanto tempo não movimento os móveis, modifico o ambiente, ah deixa assim... **sinto e presto atenção** na minha **respiração**. Abro os olhos!

Que lindo texto, Amália!

*Como esse momento de parada nos leva a perceber o quanto corremos e não nos atemos aos detalhes e às sensações vividas. A importância de ter esses momentos de sossego para poder ver melhor tudo o que nos rodeia, inclusive no processo de pesquisa que estamos vivendo. Desejo que mais momentos como esse sejam vividos e que possamos sentir e prestar atenção em nós mesmos e ao abrir os olhos consigamos ver realmente o que nos importa.
Um forte abraço!*

Simone



* Mestranda do PPGEDU - UCS.

VER, OLHAR E A ESCOLHA CONSCIENTE

do uso do Tempo

ANA AMÉLIA MACIÉL MAIA*

Andar pela casa, apreciar o lar, o sol que aos poucos entra pela janela afastando a escuridão e preenchendo os cantos com a luz mais esplêndida que pode existir (a meu ver), respirar, fechar os olhos e sentir a luz do astro rei.

Jamais imaginaria que em um curso de mestrado seria proposta uma atividade como essa. E percebo o quanto as portas que se fecharam antes foram importantes para que eu chegasse ao mestrado em Educação, onde realmente há espaço para pensar sobre o pesquisador no campo, e não apenas do campo; onde a dimensão humana é reconhecida, validada e *olhada*, no sentido trazido por Cardoso (1988, p. 348-349).

O olhar traz esse senso de profundidade, verticalidade, adentrando ambientes não tão confortáveis quanto na visão, que permanece superficial, vertical. Para o ver, o lago serve como espelho, para o *olhar* o lago é espelho, mas também é o ambiente de milhares de seres vivos que fazem dele sua morada, o lago pode matar a sede, o olhar mergulha no lago para perceber seus mistérios, não buscando desvendar-lhes por completo, porque sabe que isso seria impossível, mas avançando e percebendo sua complexidade.

Assim, tanto o olhar quanto o ver representam, antes de tudo, um aspecto do humano: a atenção, a presença, o tempo que se dedica em estar com algo ou alguém.

A família, os amigos, os *outdoors*, o celular e a pesquisa, todos pedem por seu olhar, todos requerem seu bem mais precioso depois da vida, o tempo. Ao sujeito, quando presente consigo, cabe a decisão: o que vou ver, o que vou olhar, onde vou permanecer e o que posso descartar para que minha visão esteja mais limpa e meu olhar possa, enfim, se relacionar com algo que tenha sentido e propósito, onde quero permanecer mais tempo.



Nesse desfrutar do tempo, alguns minutos andando pela casa, esperando o sol chegar, recebendo seus primeiros raios, esses minutos são mais longos que outros, talvez pelo fato de estar presente e consciente, de estar consigo. Esses minutos são mais ricos, mais cheios de significado e de vida, são de um olhar pleno em que os olhares externo e interno dialogam com mais tranquilidade. Esses momentos são pequenos presentes que podemos nos dar, talvez para lembrar do *porquê*, *para que* e *para quem* se pesquisa. Assim, talvez o sol com sua luz arrebatadora possa iluminar não apenas as paredes, plantas e cômodos da casa, mas também os recônditos do mundo interno dos pesquisadores de si.

Olá Ana Amélia!

Que feliz oportunidade ter a possibilidade de ler o teu texto.

Como você, eu também fiquei encantada com a sensibilidade dessa atividade.

*Que no decorrer das nossas pesquisas sempre lembramos do *porquê* e *para que* estamos a pesquisar....a serviço do que.*

E sigamos com fé e coragem neste caminho incrível de descobertas e do aprender.
Abraços,

Alini



UMA NOITE DE OUTONO

através de uma Janela

ANDRÉ LUNARDI STEINER*

Era uma noite de outono, mais precisamente aos cinco dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e dois, era praticamente meia noite e meia a hora que me coloquei a observar da janela do sétimo andar do edifício onde moro aquela noite de outono relativamente fria, no auge dos seus quatorze graus centígrados.

Tinha um compromisso pessoal de, nesta noite, realizar a atividade proposta na disciplina, além de outros afazeres de trabalho, recém havia terminado de formatar algumas questões de avaliação de uma disciplina, gosto do horário, dificilmente alguém envia uma mensagem, o prédio costumeiramente fica silencioso, o maior som que se ouve do quarto onde costumo realizar estas tarefas, o qual foi transformado praticamente em um escritório de trabalho cercado pela minha estante de livros a qual gosto tanto, tenho um carinho pessoal, são anos de materiais que foram sendo agrupados, separados e colocados em uma posição onde facilmente consigo ver e identificar.

Eis que vou me posicionar à janela, esperando observar a rua, algum movimento (ou quem sabe alguma estagnação) que me chame atenção, que capture a visão e que me permita “olhar” e, quem sabe “enxergar” algo mais. Neste momento o ruído, até então baixo como mencionado, foi subitamente interrompido pelo barulho do motor do caminhão que recolhe o lixo, ele aciona o mecanismo compactador, conheço relativamente bem o funcionamento pois já tive a oportunidade de aprender sobre ele, isso faz a rotação do motor do caminhão se elevar e, consequentemente, se fazer notar acima das demais coisas com o rugido do motor. Na hora pensei “mas que bela maneira de começar uma observação”, e ri sozinho da minha própria ironia. Melhor deixar tarefa de recolhimento do lixo na frente do prédio cessar e, com isso, o caminhão seguir em frente, na espera de que aquilo que considero o nível de ruído normal se reestabelecer.

Pronto! Já é possível voltar à minha observação, ou iniciar a mesma da maneira que tinha imaginado, pelo menos. A primeira coisa que me chama atenção é a rua, ainda úmida em algumas partes em função da recente chuva que havia caído, mas já quase toda seca, diferentemente do que já consigo imaginar, o que posso esperar da calçada do lado oposto da rua, a presença de árvores e canteiros associada ao baixo tráfego de



pessoas por ela passando e a sequência de dias chuvosos e úmidos certamente vai produzir limo escorregadio, aquele no qual inúmeras vezes já pisei, escorreguei e tive a ingrata sensação de que iria cair, o que nunca aconteceu comigo naquele ponto, mas o que se passa na cabeça é sempre igual.

É noite de quarta para quinta-feira, nenhuma pessoa passando na rua, os únicos vestígios de pessoas neste momento são alguns poucos carros que passam na frente do prédio e nas ruas no seu entorno e uma única janela com luz no prédio do outro lado da rua, denotando que, provavelmente, mais alguém está acordado neste horário, nada mais, todas as demais janelas do prédio e das casas ao seu lado estão sem luz, a sensação é de solidão, a impressão que tenho é que poucos ficam acordados até essa hora, não que ache tarde, mas ao que tudo indica, pelo menos naquela delimitação invisível que tracei pra observar, é de que as pessoas já estão recolhidas.

Nos dias quentes de verão, principalmente nos fins de semana, é bem diferente. Lembro de ir para o cômodo do lado, no qual tem uma sacada, e ficar observando, exatamente como fiz essa noite, o movimento da rua que acaba invariavelmente tendo alguém andando pela rua o que me coloca a pensar “Que será que fazem na rua essa hora?”. Mais uma vez ri de mim mesmo, há pouco havia imaginado o quão solitária estava esta noite e agora me vejo pensando, indignado, com pessoas caminhando na rua a esta hora. Realmente, sempre penso que todos estamos a julgar de alguma forma aquilo que se passa diante dos nossos olhos, acredito que, mesmo que de forma infrutífera, tentamos buscar sempre uma explicação para aquilo que nos rodeia.

Pois bem, já se passa de uma hora da madrugada de quinta, o texto querendo achar um final, o sono, querendo ser mais forte do que a vontade de continuar com os afazeres, começa a ganhar este cabo de guerra, a noite vai ficando ainda mais silenciosa, os poucos carros que passavam diminuem consideravelmente de quantidade, agora são menos ainda, começam a dar espaço para um ou outro latido de algum cachorro na vizinhança. Qual será o motivo do latido? Será que algo lhes chamou a atenção ou simplesmente latem por latir? Quando chegava a considerar de que não entendo praticamente nada de comportamento canino, eis que outros cachorros se unem ao latido, não quero crer ser coincidência, começo a tentar achar um motivo plausível, e encontro, era uma pessoa perambulando, a única em tanto tempo. Andar arrastado, roupas que parecem mais um cobertor colocado por cima dos ombros, o costumeiro julgamento humano começa a querer aparecer, deve ser um mendigo, as poucas evidências levam a crer nisso, mas, de certeza esse julgamento não tem nada além de uma especulação baseada nos “modelos” que somos acostumados a criar.

Neste ponto chego à conclusão de que a observação resultou em poucos elementos, mas que levaram à uma série de apontamentos, conjecturas, lembranças e julgamentos. Nenhum dos mesmos tinha algum caráter científico ou de pesquisa, foram única e exclusivamente observações de uma madrugada de outono na esperança de enxergar mais do que se vê.



Olá, colega André!

Quando recebi essa tarefa, li teu texto sem compromisso... minha intenção foi o primeiro contato, o primeiro olhar, sem julgamentos ou sem emitir observações.

Confesso que também gosto muito do horário da noite para trabalhar e produzir... pós aula, pós filhos na cama, pós espiada nas notícias do dia, pós encaminhamentos domésticos, ...

É quando nos propomos a "ver" para além do "enxergar" que o exercício nos desafia, parece que nos forçamos a parar um pouco, desaceleramos, nos permitimos observar. Perceber os tons e os sons desse momento.

O silêncio do horário permite que vejamos outras coisas, não? Olhamos para nós mesmos nesses momentos de solitude. Apesar desse termo ser sinônimo de solidão, prefiro falar em solitude. A palavra solidão é vítima de muitos preconceitos, não achas?

Voltando ao exercício a que nos propomos: três ou quatro dias se passaram, e fiz nova leitura. Dessa vez, pela manhã. Bem cedo, com vista para o céu avermelhado e todas as nuances que um dia de outono, que promete sol, permite. Mais um momento de quietude por aqui. Eu e um café quentinho, pequenos prazeres da vida (na minha opinião).

Na segunda leitura, captei outros momentos. Dessa vez, prestei mais atenção aos fatos externos... o que tu viste fora da tua janela, o que captaste nos movimentos alheios (inclusive dos doguinhos, hehehe). E li novamente!

Queria perceber o que me escapou nas primeiras passadas pelas palavras. Não te espanta a dificuldade que temos nesses momentos contemplativos? Parece-me que precisamos nos esforçar muito, nosso olhar não foi acostumado às miudezas. Eu gosto do processo. Sinto-me desafiada e, cada vez mais, curto o silêncio de forma diferente... vejo intenção no silêncio, tenho necessidade dele.

Adorei tua escrita. Percebemos o tanto de "pessoalidade" que está impregnada nela. Não sei como foi contigo, mas meu processo foi lento... sempre me sentia presa aos padrões da escrita acadêmica na área exata, recheada de rigor e termos técnicos. Ainda é um exercício, para mim, o escrever livre e solto.

Acho que estamos "treinando" nosso olhar para a pesquisa, não achas? Grande abraço! Desejo mais noites contemplativas e produtivas pra ti!

Mônica



ROSAS BRANCAS E VERMELHAS, HIBISCO ROSA, FLOR DE CACTOS MAGENTA, PITANGA VERMELHA:

qual é a cor da generosidade?

ANTONIO PAULO VALIM VEGA*

Em uma tarde ensolarada, no dia sete de maio, outono de 2022, antecedendo o dia das mães, observava, com muito carinho e alegria, cada detalhe de um pequeno universo verde, o quintal da casa de meus pais, localizada na região da campanha gaúcha, centro-oeste do Rio Grande do Sul, zona urbana de São Gabriel. No pequeno pomar, que atraía meu olhar insistentemente, há quatro árvores frutíferas, um limoeiro, uma pitangueira, uma bergamoteira e um mamoeiro.

A minha Mãe, Nilda Valim Vega, é uma encantadora senhora de 84 anos, uma exímia costureira, mulher forte, assertiva, criativa, sensível e muito bondosa cujas características, também perceptíveis em outras pessoas, são referência por conta de sua incansável generosidade. Aprendi sobre essas qualidades antes mesmo de compreender conceitos e significados na escola, porque a minha mãe é capaz de sacrificar seus anseios em favor dos outros, capaz de acolher qualquer ser vivo necessitado e trazê-lo para sua proteção, capaz de doar seu tempo a causas solidárias e comunitárias, resultado de um enorme e generoso coração.

Dona Nilda gosta muito de plantas e tem uma conexão louvável com elas. Sem se deslocar ao quintal, nomeou-as a distância com grande facilidade, pois, absolutamente, todas que lá estão foram plantadas por ela. Além das árvores *frutíferas*, há outras categorias de plantas, como *leguminosas* e *temperos* (couve, tomate cereja, pimenta, pimentão, manjeriço, salsa, sálvia, manjerona, arruda, alecrim), *chás* (funcho, arnica, ponto-alívio, mimo do brasil, oró (boldo baiano), boldo chileno, *folhagens* (dinheirinho, quebra-tudo, camisa do pintor) e *flores* (as mais variadas espécies, rosas brancas, como espuma do mar; cor de rosa, a rosa de Santa Terezinha; rosas vermelhas, orquídeas, begônia, hibisco rosa, *justicia* (capote) vermelha; malvão de jardim; flor de natal; dama da noite; dália; alegria do jardim; maria-sem-vergonha; calanchoe; cactos de flor magenta, entre outras.



*Doutorando do PPGEDU - UCS

A pitangueira de todo ano, carregada de lindas e saborosas frutinhas, formava um bordado vermelho na grama verde e que, de tão maduras, despencavam ao chão. Os pássaros cantavam, arrulhavam, chilreavam, assobiavam, emitiam sons diversos, como se estivessem brincando, pulavam de galho em galho, festejando a fartura que a generosa planta ofertava. Esta imagem sublime que se faz diálogo neste texto é fruto desse contexto divino. Assim, o "olhar-pensado", que repousa sobre a pitangueira tão exuberante e cheia de frutos, sugere uma definição, em forma de metáfora, para nomeá-la: *pitangueira generosa*.

A partir dessa consideração, percebo o quão verdadeiro e significativo é este conceito sobre a árvore, ao mesmo tempo em que esta característica e definição servem também para avaliação e análise da função de todas as plantas que ali estão. Nota-se generosidade em cada uma, nas frutíferas, nas leguminosas, nos chás, nas plantas ornamentais, enfim, todas carregam a qualidade desse sentimento sublime, visto que estão dispostas a sacrificar seus frutos, folhas e flores para alimento e deleite de outros seres da natureza, entre eles, os humanos. Em outras palavras, um sistema ecológico que se retroalimenta continuamente em favor da vida.

Não há dúvida de que a generosidade é um sinônimo inspirador da história de vida de Nilda Valim Vega. Para certificação do que acabo de afirmar, cito uma linda história infantil, do autor americano Sheldon Allan Silverstein, tradução de Fernando Sabino, chamada *A árvore generosa*. Uma leitura muito pertinente a crianças e adultos de todas as idades pela reflexão que suscita sobre o comportamento humano em relação à natureza. Há mais ou menos dois anos, a leitura deste texto foi muito providencial para mim e, agora, num encaixe perfeito, ele retorna ao meu pensamento para associar-se à história de vida de Nilda Valim Vega, minha mãe, conferindo sentido ao olhar, pois, na forma de imagem recriada, associa-se ao pensamento para dar um novo significado, o que, momentaneamente, fora apenas imagem superficial.

Levando em consideração o processo reflexivo, entendo esse olhar como algo trabalhado com requinte e substância, muito além da visão, e que, pela sua extensão, sinaliza a busca de plenitude, mesmo com limitação. Ao abandonar, porém, a forma despretensiosa e assumir o papel de observador atento, encontro, na verticalidade do olhar, um sentido profundo sobre o invisível, o não aparente, o oculto que se revela por meio da observação, do questionamento, da interrogação permanente.



Generosidade é um substantivo feminino que define a característica de quem se sacrifica em favor de outro, trata-se de uma virtude que indica bondade. O ser humano pode demonstrar generosidade de muitas maneiras, dedicando-se a causas solidárias, por exemplo. Uma das formas de exercício dessa atitude é cuidar de um familiar doente, resgatar um animal abandonado, proteger o meio ambiente, os rios, mares e florestas. Nesse sentido, agir com generosidade é uma forma de expressar o desejo por um mundo melhor, mais justo, educado e menos desigual.

Essa linha de pensamento conduz à relação do ser humano com a natureza-vida e reforça a preocupação com o processo educacional em que é preciso criar, nas pessoas, atitudes e comportamentos sustentáveis, numa perspectiva singular e coletiva, de forma que reverberem, na sociedade, fundamentos democráticos, de base humana, moral e ética:



(...) O ser humano redefine o feixe de relações que entretém com o universo, com a Terra, com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo dentro dos critérios assinalados de equilíbrio ecológico de respeito e amor à Terra e à comunidade de vida, de solidariedade para com as gerações futuras e de construção de uma democracia socioecológica (BOFF, 2012, p. 149).

A partir dessa constatação, questiono como isso seria possível. Atitudes de generosidade e de solidariedade manifestam sabedoria, cultura e equilíbrio interior, especialmente em relação à natureza, que não se restringe ao meio ambiente, às plantas e árvores, mas à natureza da vida humana, em comunhão com todos os seres vivos, humanos ou não. Leonardo Boff (2012) aponta para a necessidade de criação de novas mentes e novos corações. A partir da ruptura paradigmática, ressalta a urgência para criar capacidades e espaços, em que possa emergir a educação em princípios e valores humanos, especialmente solidários.

Nesses termos, a crise ambiental e os riscos ameaçadores sob os quais vivemos na contemporaneidade anunciam essa necessidade. Principalmente, pelo evento disruptivo, consequência da pandemia da COVID-19, que acendeu o sinal de alerta às questões socioambientais e humanas, no sentido de promover mais saúde, mais qualidade de vida e mais satisfação a todos, sob a égide permanente e incansável da generosidade.

Que texto sensível!

Uma sensibilidade que parte de si, que compartilha experiências de uma vida com os seus entes queridos, olha para suas vivências e traz detalhes daquilo que a natureza generosamente nos oferta. E esse texto também nos apresenta o olhar do pesquisador Paulo, daquele que tem se dedicado a pesquisar as questões ambientais e segue em busca de propostas que favoreçam uma melhor convivência entre os humanos que habitam e usufruem das benesses dessa natureza, mas que nem sempre sabem conviver com esta de forma harmoniosa.

Espero que essa sensibilidade, de olhar e de escrever, seja tua companhia nesse percurso do doutorado e que torne cada dia da pesquisa um processo leve.

Querubina



Alex,

UM RESILIENTE!

BETÂNIA MARIA LIDINGTON LINS*

Farroupilha, 11 de maio de 2022.

A maior glória em viver não está em jamais cair, mas em nos levantar cada vez que caímos.
(Nelson Mandela)

Querida Professora Nilda,


Escrevo-lhe estas palavras de minha casa, em Farroupilha, numa tarde serena aqui no bairro São Luís, onde moro, apesar de quase sempre ele ser marcado por uma tranquilidade que, às vezes, até me assusta.

Quando estou em casa, só ouço praticamente a movimentação do vizinho que mora acima da minha, e nem é diariamente, pois ele tem uma namorada (é um senhor viúvo) e se divide entre a casa dela e a sua, e vejo também meu outro vizinho, o da minha esquerda, que vai olhar (acho que é isso mesmo, olhar, que, para mim, é ver com inteligência, com olhos perscrutadores) o terreno do lado direito de minha casa, o qual foi parcialmente cedido a ele pelo proprietário, para que seu estoque de lenha seja armazenado (ela é utilizada para uso de sua família e também para venda).

E como ele é zeloso com esse pedaço de terra, professora! Parte do terreno está tomada pelo mato, mas a parte utilizada por ele é limpa, com o chão batido de terra sem folhagens ou resquícios de lixo, e as lenhas ficam empilhadas umas sobre as outras, aliás, organizadamente empilhadas. Há também alguns objetos domésticos, como uma cadeira e uma máquina de lavar, além de um banco para ele sentar e eventualmente conversar com alguma pessoa que se aproxima (já vi essa cena e acho que ele também o utiliza para apreciar sua criação). Enfim, acho que esse espaço é sagrado para Juca (é assim que o chamamos). Acredito que diariamente ele sai de sua casa e vai até o terreno para ver se tudo está em ordem, seja de manhã ou à tarde. Há pouco, antes de eu vir escrever esta carta, ele estava lá, como sempre, "babando sua cria"... rrsrrs.



*Doutoranda do PPGEDU - UCS.



Quero registrar mais algumas características de Juca, além dessa sensibilidade: ele é um senhor viúvo que mora com seus dois filhos homens e uma nora. O filho solteiro o ajuda na manutenção do terreno sempre limpinho e também o acompanha na retirada da lenha para uso próprio (lembre-se de que a minha casa está entre a dele e o terreno), e também o acompanha na tarefa de encher o carro com a lenha vendida e que será entregue ao comprador. Aparentemente, pai e filho se dão muito bem e eu acho essa relação o máximo!

Além desses dois vizinhos mais presentes na minha rotina diária, também mantenho contato com um casal que mora em frente à minha residência, mas os dois trabalham durante o dia e quase sempre vejo a casa deles fechada. Eventualmente, quando nos vemos, nos cumprimentamos e conversamos um pouco, quando é possível.

Comecei a falar da calmaria que ronda o bairro onde moro, a minha vizinhança, e não posso deixar de dizer que também ouço o canto dos pássaros, o latido de cachorros e o barulho de carros que passam na rua (poucos, mas passam), e alguns outros sons, de longe, da rodovia, por exemplo, localizada a uns dois quilômetros de minha casa.

Relatei essa pequena descrição do que me rodeia, professora Nilda, para simplesmente refletir sobre a diferença de vida que nós, seres humanos, experienciamos. Eu tive pais presentes e longevos (ambos viveram até os 81 anos), sempre tive e ainda tenho uma família e pessoas amorosas ao meu lado, tenho moradia, tive oportunidades de estudar (que o faço até o momento) e tenho emprego (batalhei por eles, é verdade, pois não vieram facilmente, mas os consegui sem vivenciar grandes dramas). Não fui e não sou rica materialmente, mas me sinto uma privilegiada, assim como vejo meus vizinhos aqui citados.

Digo isso porque ontem recebi de uma amiga um vídeo intitulado “Quem dá a mão para um ex-presidiário?” e me comovi com a forma como essa pessoa se mostrou em seu relato, demonstrando sinceridade, se emocionando, expondo os crimes que cometeu, reconhecendo seus erros, mas também ciente de que pagou por eles e que merecia uma vida melhor depois que saiu da prisão.

Esse vídeo (segue o endereço, caso queira acessá-lo: <https://www.youtube.com/watch?v=i4t9CFIxST8>) é o depoimento de um jovem chamado Alex, de São Paulo, um ex-presidiário, negro, que teve a vida marcada principalmente pela ausência do pai e da mãe (ela faleceu quando ele era bebê), indo morar com parentes, e aos 9 ou 10 anos fugiu de casa. Passou a ser morador de rua, ocasião em que se envolveu com menores infratores e iniciou a cometer crimes, como ficou claro no vídeo, contra a sua vontade, não porque era obrigado, ele reconhece isso, mas, por sobrevivência, fazendo-o para não ser agredido por essas crianças (iguais a ele, com 10, 11 anos de idade). Para permanecer ligado a elas, a ideia de pertencimento venceu, de todos fazerem as mesmas coisas para se tornarem um grupo, ao mesmo tempo que se abriu o caminho para suas inúmeras passagens em prisões.

Após vários encarceramentos na FEBEM, (acho que a senhora sabe o que significa, mas vou escrever por extenso: Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor de São Paulo), em número de 15 ou mais, como ele afirma no vídeo, e num presídio, quando já adulto, um dia, ainda preso, ele olha para dentro de si e decide mudar de vida. Tem uma “conversa com Deus”, em suas próprias palavras, e, sem esperar, dois meses depois, é libertado. Aí é que vem a parte mais comovente de sua história, pois, apesar dos sofrimentos e privações pelos quais passou, esse rapaz conseguiu chegar aos dias atuais trabalhando com artesanato (se tornou artesão por falta de oportunidade de emprego, mas se orgulha muito do que faz) e é pai de quatro filhos (já não vive mais com a mãe deles, mas tem uma companheira que também experienciou momentos muito tristes na vida (é a mulher que aparece chorando no vídeo – descobri isso assistindo a um outro).

O que mais me chamou atenção nesse relato, professora, é a personalidade de Alex, um homem sensível que, a despeito de tudo o que passou, conseguiu cultivar o senso de responsabilidade com a vida, o respeito às pessoas, o gosto ao trabalho, o amor à arte. Ele diz frases como: “Mas por que você não me dá a mão, pra você ver do que eu sou capaz? Eu sou capaz da mudança!”, ao refletir sobre as negativas de emprego que recebeu; ou então: “Eu quero poder fazer algo melhor para o próximo, e eu sei que para isso eu tenho que ter uma responsabilidade, porque eu não tenho nenhuma responsabilidade. Eu quero ser pai”, num trecho de sua “conversa” com Deus, e ele se tornou pai adotivo de um menino e de três outros filhos naturais. Sobre sua atividade profissional, ele afirma: “A arte me salvou”; e sobre o ofício de ensinar artesanato: “É tão legal quando você aprende uma coisa e depois você ensina”, dentre outras passagens tocantes ditas por ele.

Enfim, ao terminar de assistir ao vídeo, pensei em Alex como um ser humano especial, sensível e que não merecia ter passado por tantas privações, a começar pela perda da mãe tão precocemente.

Eu poderia, inclusive, professora Nilda, ter refletido sobre muitos outros temas que vieram à minha mente, como, por exemplo, a violência dos grupos de menores infratores, a situação desumana dos moradores de rua, a população carcerária majoritariamente negra e parda daqui do Brasil, mas optei por lançar meu olhar sobre a vida e a pessoa desse rapaz, desejando que a tranquilidade e a abundância – de coisas e sentimentos – desfrutadas por mim e por meus vizinhos sejam algo natural na vida de todos os seres humanos e não a exceção ou um privilégio de poucos.

Que Alex esteja feliz, neste momento, com a vida que ele está podendo ter!

Que ele more num bairro tranquilo de uma cidade qualquer! Que não lhe seja negado um pedaço de terra! Que não lhe falte trabalho! Que um de seus filhos, pelo menos, o acompanhe até a sua velhice, ajudando-o em alguma atividade de que ele goste de realizar! Que não lhe falte amor, enfim...

Com carinho,

Betânia

Coincidência ou não, me responsabilizo por revisar o registro etnográfico da minha colega, amiga de trabalho, minha conterrânea, Betânia Lins. Essa indicação da revisão do trabalho de Betânia me facilitou, enormemente, a vida.

kkkkk

Porque Betânia é, essencialmente, essa pessoa que se mostrou em seu registro: sensível e atenta ao outro. Mostra-nos como esse ir e vir reflexivo pode fazer parte do nosso cotidiano sem as amarras do obrigatório. Mostra-nos como podemos aprender ao observar. Mostra-nos através da lente de um etnógrafo, que podemos olhar o ser humano por trás do ser excluído. Mostra-nos como o olhar sensível muda a forma como enxergamos o outro, e ao fazer isso, nos mudamos internamente. Parabéns, Betânia. Mais um trabalho brilhante.

Roberto

ESCRIVANINHA BAGUNÇADA:

do caos surge a criação

DANIELA FÁTIMA DAL POZZO*

Meus olhos voltaram-se para a minha escrivaninha, pois nos últimos dias os comentários da minha mãe têm me causado sensações desconfortáveis. Eis o motivo: segundo ela, na minha escrivaninha só há bagunça; para ela é bagunça, mas para mim é o mundo que carrego comigo. A escrivaninha é bege com tons marrons claros, não muito larga, talvez um metro, feito de madeira grossa. Em cima dela, há alguns livros de linguística, mas o que mais chama a atenção é o único de história, intitulado Brasil: uma biografia, de Heloisa Murgel Starling e Lilia Schwarcz, pois tem mais de 500 páginas e está cheio de post-it. Ao lado, há um copo cheio de canetas e lápis. É possível uma professora ter apenas um lápis e uma caneta? Acho impossível. Seguindo, há um cofrinho que imita as cabines telefônicas da Inglaterra; depois há um enfeite que forma o mapa do Togo, o qual ganhei de um aluno; há a letra L, que simboliza Letras; uma máscara de carnaval que comprei em Veneza; mais livros de aula; folhas rabiscadas; um grilo feito de folha, o qual ganhei de um colombiano em 2017; duas bailarinas; um coração; um Santo Antônio em boneco (ganhei num casamento).

Pode parecer bagunça, mas são objetos/materiais que constituem quem eu sou: uma apaixonada por linguística e livros em geral, por história, por dança, pelo mundo (por isso há objetos de outros lugares). E observá-los me faz pensar o quanto ainda tenho para conhecer e aprender sobre o mundo, sobre culturas diferentes; e, também, como os livros me permitem viajar para outros mundos sem sair do lugar; e como o amor à leitura me levou a cursar letras e a chegar aqui onde estou: trabalhando com português para estrangeiros e cursando doutorado. O sentimento é de nostalgia, amor; reflexão sobre o que já vivi e o que está por vir. Pode parecer bagunça para quem olha de fora, mas é meu mundo, carregado de sentimentos e vivências pelas quais já passei. É tudo uma questão de vivências e perspectivas. De devir e de constituir-se. De ser.

Aos olhos de Daniela Fátima Dal Pozzo, de fato eu conheci a escrivaninha dela. A riqueza do relato chama a atenção e nos remete a visualizar e perceber cada detalhe. Certamente a mãe dela não compreende como ela consegue estar organizada, dentro de, aos olhos da mãe, uma desorganização. Somente ela consegue perceber o quanto aqueles objetos são importantes na vida dela e compõe de forma completa, o seu eu interior. Também, 'aquela desorganização organizada' é a vida dela que de alguma forma tem fluência e sentido. Com certeza, cada objeto que compõe o local, tem e terá significado em cada palavra e frase desenvolvida na sua Tese de Doutorado, sendo assim ainda mais carregados de um valor sentimental incalculável. Parabéns pela descrição, forte abraço,

*Doutoranda do PPGEDU - UCS.

Leticia



OLHARES...

DÉLMA TÂNIA BERTHOLDO*

Tarde chuvosa, momento de escrita a partir do meu exercício do olhar pela minha janela. Essa mesma janela que me acompanha há mais de dois pandêmicos anos, sempre aqui, sentada defronte ao computador, tendo aulas, dando aulas...

Fixo meu olhar, olho por muitos minutos o nada e, ao mesmo tempo, o tudo. Percebo e conheço cada detalhe desta visão, repetidamente vista e olhada. O que vejo lá fora? Fecho os olhos e vejo a frondosa figueira, plantada há 18 anos por meu falecido esposo – essa árvore me traz à lembrança uma pequena discussão pelo seu plantio ou não, pois ela não dá frutos, cresce muito, estaria próxima à casa... Venceu meu esposo com seu argumento inquestionável: essa árvore atrai muitos pássaros! Hoje, na sua ausência, percebo a imensa quantidade de passarinhos que aqui passam, aqui passarão e me fazem companhia (obrigada, Mário Quintana).

E um desses pássaros fez dessa árvore a sua morada: dia após dia, entre as muitas aulas cansativas de doutorado, pude acompanhar um casal de João-de-Barro fazer o seu ninho num de seus galhos. As intermináveis viagens com os bicos cheios de terra molhada, a cantoria do final da tarde, os arrulhos e brincadeiras por entre os galhos... Era um alento, em meio a tantas aulas maçantes, poder ficar acompanhando sua construção. Tinha razão meu esposo – essa árvore não só atraiu como se tornou morada de muitos pássaros! Vem à memória, como um filme em alta velocidade, a lembrança de tantos filhotes que nasceram nos arredores, as alegrias dos seus primeiros voos! Em seguida, me entristeço por ter desalojado no mês passado um casal de urubus que aqui estavam há muitos anos – por que é mais importante fechar o local para não entrar água no telhado do que permitir o pouso desse casal que aqui geraram tantos filhotes e que sempre retornam como se fosse sua casa? Não sei. Mas a Bela, a fêmea urubu, vem todos os dias me visitar na janela da cozinha como a pedir para a abrir a portinha do telhado para sua nova cria, e eu tento explicar que não tenho dinheiro para trocar todos os rodapés de gesso que estão quase caindo pelo excesso de água que entra na laje – será que ela entende?

A árvore que olhei da minha janela está quase sem folhas, resposta ao outono que vai chegando lentamente com esse céu cinzento deste fim de tarde. Me faz lembrar que preciso varrer o pátio, mas que também posso deixar a natureza seguir seu curso e permitir que essas folhas interajam com a terra, devagar, sem pressa, um pouco a cada dia.



*Doutoranda do PPGEDU - UCS.

Ultimamente tenho evitado trabalhar neste local. Sentar aqui, perto desta janela, me traz à lembrança horas infindáveis com fone de ouvidos, ouvindo tanta gente falar, tantas coisas que nem sequer lembro, como se tivessem sido um sopro breve, coisas que não faço a menor questão de lembrar. Talvez por isso eu esteja preferindo trabalhar em lugares diferentes da casa, olhar para outras janelas, ver o pôr-do-sol ao invés do nascer do sol, até mesmo ficar perto da TV ligada para distrair. Mesmo assim, aqui voltei para este exercício – o que eu trago na memória, o que eu vejo quando olho novamente para além esta janela?

[Olha! O João-de-barro cantou neste exato momento!]

Sentar aqui me fez lembrar do quanto escrevi no ano passado, quantas frustrações por disciplinas inúteis, quanta dedicação por um texto que achei muito bom, que adorei fazer e que me dediquei muito e, em troca, receber como resposta “está razoável” sem a menor indicação de onde ou como melhorar. Lembro da raiva que senti por não ter conseguido expressar nesse artigo a beleza das minhas pesquisas e de como deletei o artigo para nunca mais vê-lo. Será que foi uma boa decisão iniciar este doutorado neste momento da minha vida? Escolhas que ainda não tenho respostas.

Não trago só a imagem da árvore na memória: ruídos que antes não haviam ecoado junto com a imagem. Penso na minha rua tranquila que se tornou rota de caminhões pesados há pouco mais de um ano; penso na minha vizinha da frente, sozinha em seu casarão, e penso que talvez esse seja meu futuro: estar sozinha na casa do outro lado da minha vizinha – como vou lidar com isso? Procuo não pensar como será meu ano que vem, quando nenhuma filha estiver aqui comigo... que farei? Com quem conversarei? Para quem farei bolos e almoços caprichados? Melhor não pensar na árvore... Melhor levantar desta cadeira e ir varrer o pátio...

Farroupilha, 09 de maio de 2022.



Cara Delma,

Lendo seu texto, absorvi a reflexão que você traz no que é essencial nessa nossa vida, que a cada dia, torna-se mais cheia de tarefas. Quanto você traz, do dar-se conta da importância da árvore e dos pássaros, lembrado sabiamente, pelo teu falecido esposo. Delma, querida, quanto precisamos estar sensíveis a esses detalhes da nossa vida e no nosso dia a dia. A vida segue, e os filhos seguem os seus rumos e suas escolhas, precisamos estar abertos e respeitar e entender o momento de vida deles e apreciar com alegria e satisfação a nossa missão cumprida, a nossa maternagem adequada e comprometida, mas com consequências de solidão futuras porque assim o curso da vida segue. Adorei as tuas colocações, reflexões, saudosismos, tristezas e análises do que você está realizando na tua vida hoje. Muito bom essa parada para pensar, repensar e apreciar o que estamos vivendo e fazendo. Dar-se esse tempo, permitir-se à frustração, mas com espírito resiliente, pois assim aguentamos e seguimos em frente. Querida, um grande abraço! Estou feliz em poder apreciar tuas escritas e pensamentos neste lindo texto.

Amália

CHUVA, MUITA CHUVA NEBLINA E FRIO

O Sol que abraça

DIANA LUSA*

Nesta primeira semana de maio choveu. Choveu por vários dias seguidos. A chuva parece forçar a olhar para dentro; não é tão fácil fugir de si em dias de chuva; o tempo não está propício para uma caminhada, para um espalhar-se e até para um esquecer-se de si enquanto se explora – algumas vezes sem sentir – o vasto mundo fora de nós.

Em gotas pequenas, depois maiores. Vem acompanhada pelo vento. Barulhenta e, em alguns momentos, silenciosa. Ela cai, cai, cai. Parece que decidiu ficar. Não quer mais ir. Aborrecida, fechou a cara e decidiu chover, chover. Modifica o mundo externo. Amplifica o mundo interno. Dor. Abraço. Grito. Para além da chuva, barulho. Contrariedade. Impulsividade infantil: alegrias e tristezas ao extremo. Relação mãe e filho. Aprendizado. Caminho pedregulhoso. Impotência. Reclamações escolares. Impotência (da mãe). Agitação (do filho). Amor. Muita vida. Muita energia. Intensidade. Toda a intensidade chaveada na mãe é externalizada pelo filho. Espelho. Pedidos sem fim. Atenção sem fim exigida. Mau humor sem fim. Entrega. Abraços. Dúvidas.

A espera pelo sol parece longa. A espera pela calmaria parece longa. A calmaria de fora. A calmaria de dentro.

A chuva passa e deixa por uns dias a neblina em seu lugar, deixa as manhãs geladas, a umidade. Para lembrar que ela esteve presente; não chove mais, mas a lembrança dela ainda é viva: poças de água, terra molhada, cheiro de mofo naqueles locais em que o sol não consegue chegar, o frio chegando e a necessidade de fazer algo, de mudar. A mudança de clima exige uma fonte de aquecimento – exige o se movimentar para manter a casa aquecida, exige estratégias para secar a roupa em dias sem sol, exige repensar e fazer de outra forma todas as ações sobre as quais não é necessário preocupação em dias com sol, sem frio, sem umidade. Não tenho certeza de que se possa falar em exatidão na vida, mas é a exata metáfora da vida.

Em dias de sol é possível sentir o abraço afetuoso dado pelos raios quentes que nos envolvem. A calmaria de estar com o rosto no sol, de olhos fechados, ouvindo o silêncio e, em seus intervalos o cantar de alguns pássaros, é como a alegria de um dia tranquilo. Um dia em que é possível acordar sem atropelos, espichar-se, vestir cada peça de roupa calmamente, demorar-se nas pequenas ações matinais, no lavar o rosto, no preparar o café. É como um dia de bom humor, em que até os animais de estimação acordam tranquilos, sem miados e latidos exigentes, e cheios de amor para dar.

*Mestranda do PPGEDU - UCS.

Mesmo vivendo outono e o inverno, ano após ano, não tenho certeza de que estamos preparadas para estas estações mais exigentes, que não oferecem tanto sol e aconchego. Penso que eu não estou. Sempre afirmei, com convicção, gostar dos dias frios e das possibilidades que eles apresentam, para além do calor. Ainda assim, nem sempre tenho disposição de buscar lenha para aquecer a casa e, em períodos de chuva prolongada, espero com muita esperança que ela passe logo para que o sol se mostre com todo o seu calor e esplendor.

Hoje, olhando pela janela a minha frente, vejo uma linda montanha verde, coberta de árvores, com neblina em seu topo. Já é metade da manhã e o sol clareia o dia, mas ainda está escondido atrás das nuvens. Provavelmente continue assim no dia de hoje. Ficará mais distante nos próximos meses para voltar a se aproximar depois, propiciando, com sua proximidade, aquecimento, flores desabrochando e pássaros felizes.

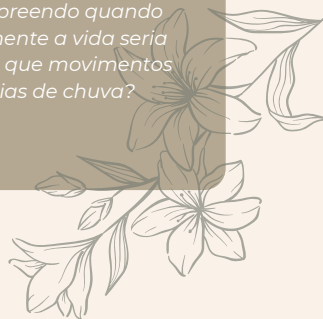
Seria possível buscar um lugar para viver em que o sol e o calor fossem perenes. Mas como saber das possibilidades, dores e alegrias destes ciclos tão marcados sem vivê-los, sem experimentá-los, sentindo-os com todos os afetos que proporcionam?

Diana Lusa
Sábado, 07 de maio de 2022, outono
São Domingos do Sul

Olá, Diana!

Obrigado pelo seu texto. Percebi que você desenvolveu a atividade com diligência. Quando li seu texto notei o movimento do ver e do olhar. O primeiro realizando uma descrição do mundo ao seu redor e o segundo buscando significados a partir de reflexões e percepções profundas que transmitiram uma constante busca. Você realizou movimentos de escavação e apresentou a importância de conhecer a si mesmo e de como o ser humano, como ser da natureza, é envolvido pelos movimentos que esta realiza, neste caso especial, as estações. A metáfora da vida e do clima me levou a lembrar que a constância da vida é realizada por um movimento contínuo de altos e baixos. Dias de chuva, dias de sol, dias nublados, dias frescos podem ser comparados com sentimentos de tristeza ou carência, alegria ou amor, resiliência ou saudade, paz ou empatia. Viver exige de nós coragem para lidar com o cotidiano. É fácil idealizarmos momentos “perfeitos” e acreditarmos que só ali é que nos realizaremos. Na verdade, a coragem que a vida nos pede é entendermos que a realização em qualquer âmbito é uma construção que passa também por momentos difíceis. São os dias de chuva que nos dão base segura para vivermos as alegrias dos dias de sol. Lhe compreendo quando você diz que é importante viver estes ciclos, pois provavelmente a vida seria menos enigmática se vivêssemos somente dias de sol, mas que movimentos teríamos se não tivéssemos desafios? Os desafios dos dias de chuva?

Matheus





VOANDO, FAZENDO NINHO, SOBREVOANDO...

EDUARDA MONTEIRO DE SOUZA*

Começar um texto para mim sempre é um desafio, não é o caso de eu não gostar do momento de escrita, porém me parece que gosto mais do meio dele, não do início nem do fim. Concluir às vezes é difícil também, é claro, depende sobre o que estou escrevendo, mas como chegar a conclusões tão rápidas em um mundo cheio de perguntas sem respostas? Parece que já estou falando do fim, ainda no começo. Então, deixemos isso para depois.

Ao fechar os olhos e lembrar sobre o que vi e senti, o que veio primeiro e o que mais tempo ficou em minha mente foram os pássaros. Pela janela, tenho a vista de muitas árvores, de um céu lindo, por onde passam muitos passarinhos. Enquanto os via voando de uma árvore a outra, pensei sobre os lugares de onde vêm esses pássaros, para onde vão, que caminhos percorrem voando... nisso, refleti sobre pertencer, sobre adaptar-se, permanecer, passar, sentir, viver. Pensei sobre o lugar de onde esses pássaros vêm e para onde vão, e relatei em minha mente sobre também como nós, pessoas, vamos e viemos, de onde eu vim e para onde vou.

Por muitas árvores já passei e me deparei com o questionamento se eu pertencia a elas, e via que o que mais acontecia era uma adaptação e não um sentimento de pertencimento. Essas adaptações, são muitas vezes momentos que precisamos permanecer nesses galhos, são passageiros, mas não “desimportantes”, porque neles colhemos frutos, deixamos nela um pouco de nós e levamos sementes para outras árvores que iremos.

Por algumas árvores pelo caminho da vida, apenas visitamos, outras criamos ninho, outras ainda, apenas sobrevoamos. Algumas que visitamos, deixamos sim nossa contribuição, talvez não na árvore como um todo (não totalmente no ambiente), mas talvez em uma parte do galho, em uma folha, talvez a mudança que fazemos nem seja positiva, precisamos pensar que já podemos ter feito algo ruim nos lugares que já passamos.

Tem aquelas que fazemos ninho, que fazemos dela nosso lar, nosso tesouro, há um texto que diz que onde está o seu tesouro, ali estará também o seu coração. E se é o nosso tesouro e se ali está o nosso coração, quer dizer que, esse lugar se tornou de grande importância. Esse lugar, além de modificarmos e por ele sermos modificados, irá fazer parte de nós e nós iremos fazer parte dele.



*Mestranda do PPGEDU - UCS.



E aquelas as quais sobrevoamos, talvez conheçamos, mas não fazemos, não permitimos ser e fazer parte. Algum dia quiçá voltemos ali, com mais coragem, com mais maturidade, ou ainda, acompanhados de outros pássaros.

Na pesquisa, podemos fazer longas ou curtas visitas
podemos fazer ninhos, podemos apenas sobrevoar.

Iremos pertencer, precisaremos muito nos adaptar
podemos permanecer um pouco mais, retornar, ou apenas passar.

Mas em todos os momentos, nosso olhar atento precisa estar.

Não nos preocupar apenas em estar
mas em também ser.

Pássaro ou não, espero não parar de voar
de visitar
fazer ninho
sobrevoar
e continuar
a olhar
a escutar
a sentir
a estar
a ser...

Eduarda,

Inícios e fins são, por vezes, complicados mesmo. Obrigada por ter me conduzido pela tua observação participante. Começaste vendo pássaros e terminaste sendo pássaro, começaste observando e terminaste participando, te colocando no espaço, hoje e também no horizonte, no porvir. A tua conclusão, em poesia, nos carrega pra dentro do texto, do teu sentir, do teu desejo, do que te põe e nos põe a caminho. Adorei. Parabéns pela entrega!

Maria de Fátima



VER E OLHAR

FERNANDA RODRIGUES ZANATTA*

Entre o ver e o olhar

Nas idas e vindas do dia a dia absorvemos. Absorvemos as “coisas”, as pessoas, os detalhes, as palavras, os pensamentos...

Eventualmente somos surpreendidos por nós mesmos, por conexões que espontaneamente fazemos quando paramos e... olhamos.

O que vejo? O que sinto? Sensibilidades, emoções, interpretações, leituras, releituras, cores, saberes e sabores, representações,... uma multiplicidade de olhares e de conexões. Com ou sem análise. Organizada ou desorganizada. Não basta apenas ver... é preciso olhar.

“É como a arte de um escultor sobre a pedra, que para fazer a forma, deve antes passar pelo trabalho do vazio e retirar todo o excesso para que a forma surja”. (BARBIER, 2002)

Olhamos com outros olhares, olhos, outros óculos, outros interesses que surgem e fazem enxergar o que muitas vezes passa despercebido. Algo que em algum momento nos chamou a atenção e nos fez parar, perceber. Momento de (re)descoberta. De dar (outro) sentido aos saberes, aos espaços, às pessoas.

Entre ver e olhar podemos usar a metáfora do *iceberg*.

Na **metáfora do iceberg**, o que está no plano visível, acessível representado pela ponta do *iceberg* é algo do consciente, porém a parte submersa representa o inconsciente de difícil acesso que só será possível pelo método criado pelo pai da psicanálise.

Meu dia a dia corrido não tem me deixado enxergar muitas coisas, tantas que nem sei quais...

Certamente só mais à frente perceberei o que não vi... talvez. Enfim, meu olhar hoje é rápido e raso nas tarefas cotidianas para que se possa ampliar e alargar, cavando espaço para as leituras, os livros que chegam e passam a compor o cenário da estante que comporta as leituras a serem feitas para a pesquisa.

Nesse processo de ver as coisas do cotidiano e olhar com mais afincio as questões relacionadas ao meu objeto de estudo, muitas das aprendizagens (leituras, aulas, interações, escutas...) têm ampliado meu olhar, o que ora me angustia, pois são muitas

*Doutoranda do PPGEDU - UCS.



as possibilidades de registrar a pesquisa e os dias passam rápidos, dada a rotina corrida. De semana em semana amplio o olhar da pesquisa, faço registros, mas gostaria de avançar mais. Então, entre anotações, lembretes em meu bloco de notas, goles de café, vou seguindo olhando, pela janela, buscando alguns minutos de pausa para, após, seguir as leituras.

As pausas são importantes e necessárias para que possamos nos reencontrar nos caminhos que estamos seguindo, e assim fazer as escolhas dos próximos passos, dos próximos olhares, das próximas leituras e descobertas. Além disso, os testemunhos, as inspirações dadas pelos professores também nos impulsionam e nos fazem enxergar outros caminhos e outras possibilidades.

As diferenças entre o olhar e o ver no dia a dia vão nos construindo como pesquisadores, professores, ora vendo, ora olhando. Às vezes olhamos algum objeto, lemos algo sobre outros temas e assuntos e muitas ideias surgem e vão contribuir para nossos estudos ao longo do processo. Ou seja, ora intencional, ora espontânea. Ora vendo, ora olhando.



Olá Colega Fernanda!

É fato que a rotina diária das idas e vindas são sempre desafiante e nos permitem construir diferentes olhares a partir de uma mesma visão. Somos a absorção do que nos perpassa, mas também, somos absorvidos por aqueles que perpassam por nós. Fazer uma reflexão acerca da nossa visão é nos desafiar a olhar o nosso entorno, a nossa rotina e os nossos desafios diários, nos transformando em escultores dos nossos próprios saberes, justamente como sugere Barbier (2002). Penso também que, nem tudo o que perpassa por nós nos transforma, justamente porque somos filtro e selecionamos os aspectos que julgamos importantes. Neste aspecto, a metáfora do iceberg me permitiu refletir ainda mais sobre a forma como estou me constituindo, e também observo que você se permitiu fazer essa reflexão. Estabelecer conexões, como você mencionou, é muito difícil e tenho observado que está aí a grande “sacada” para a aprendizagem.

Aprendemos a partir das conexões e das relações que perpassam sobre o nosso olhar. Sua reflexão me fez estabelecer conexões sobre nosso estudo e a pesquisa. Então me questione: “Em toda nossa vida, quantos livros colocamos na prateleira sem ao mesmo iniciar a leitura, ao tempo que, outros livros serviram de base para constituir o que somos hoje?”

Olhar pela janela, abrir as portas, ouvir o outro, observar ações, exemplos e emergir em novos ambientes também são oportunidades de refletir sobre os caminhos e as escolhas que temos que fazer. Você se desafiou e eu também, por isso, hoje temos mais uma oportunidade de olhar para além das nossas concepções e contribuir com o outro, no espaço que ocupamos. Seguimos em frente cara colega Fernanda, espontaneamente ou intencionalmente, sempre emergindo e perpassando pelos desafios diários. Sugiro que façamos isso, enquanto saboreamos um delicioso café (e sim, trata-se de um convite!).

Desejo uma excelente pesquisa e boas descobertas!

Grazielle

OLHAR: UMA VISÃO PARA ALÉM DO HORIZONTE

GRAZIELE DALL' ACUA*

Flores da Cunha, 07 de maio de 2022.

Nos desligar dos nossos afazeres, tarefas e compromissos é muito difícil. Nos desvincular da escrita alinhada a uma concepção ou fundamentação teórica sobre assuntos relacionados ao fazer pedagógico e escrever, a partir de uma simples observação do entorno, é um grande desafio, mas a porta foi aberta.

Sábado, ar puro e refrescante. Os pulmões se enchem de ar no outono da Serra Gaúcha. Um verdadeiro paraíso apresenta-se aos olhos. Verde, mais verde, muito verde, diferentes tons de verde. Natureza. Pássaros cantam, o vento canta, minha filha canta e o sol aquece.

Começo a caminhar, a passos lentos que desbravam. O caminho é macio, sereno e natural. Escolher o sentido dos passos, também é escolher para onde vamos olhar, qual o sentimento que nos perpassa neste instante e delimita o que queremos observar.

Fui desafiada e aqui estou, em meio a natureza. Cabelos ao vento, mão gelada, mate quente e coração a mil. O espaço foi escolhido, bem no alto, com uma vista deslumbrante. Uma vista cheia de energia e boas vibrações.

Temos um lugar confortável e uma linda cena capturada. Admiro a beleza da natureza e seus entornos. Tudo se encaixa perfeitamente. Sobre um deck de madeira, alinhadamente organizado horizontalmente e escorada num dos corrimões, inicio minha reflexão sobre as sensações e sentimentos que me perpassam. Há muito tempo não tirava uns minutos para vir até aqui, respirar esse ar, renovar as minhas energias e minhas forças.

Trabalho, muito trabalho, tomada de decisões, ações, avaliações, coordenação, pandemia. Leituras, estudos, escuta sensível, reflexões, aprendizagens, tese, família, amigos, pessoas, crianças, outras famílias, rotina. Os dois últimos anos têm nos desafiado, assim como olhar em direção a esse vale. As árvores balançam no sentido do vento, nossa rotina também tem se adaptado aos ventos que perpassam por nós.

*Doutoranda do PPGEDU - UCS.



Sinto-me balançar, a todo tempo, muitas vezes precisando de muito equilíbrio para permanecer forte e estável a tudo isso. As minhas competências socioemocionais que lutem!

Ao olhar a dimensão do vale e a diversidade da natureza, observo muitas árvores, de diferentes espécies, cores, tamanhos e funcionalidades. Isso me permite fazer uma breve comparação ao ambiente da Educação.

Nós professores somos árvores e crescemos no ambiente que estamos.

Muitas vezes fixamos nossas raízes nos lugares, nos consolidamos e não nos desafiamos a novos espaços. Porém, muitas vezes, assim como as árvores, crescemos e oferecemos nutrientes e frutos. Uma árvore não migra de um lugar para outro, mas oferece seus frutos para aqueles que se aproximam, servindo de alimento para que eles possam seguir em frente, assim como o professor que nutre seus estudantes para que eles possam ir além. Sua sombra acalenta o calor do sol e seus galhos podem servir de degraus para novas aventuras, outras formas de ver o ambiente, de diferentes perspectivas e novos horizontes.

Falando nisso, não posso deixar de mencionar o céu dessa observação. Muitos sentimentos e percepções emergem. Olhar para as nuvens, além do horizonte, me provoca a refletir sobre o futuro e as possibilidades que reverberam dele.

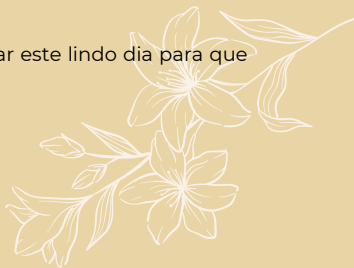
Muitos questionamentos perpassam por mim:

- O que há por trás deste horizonte?
- O que eu quero para o futuro?
- Quais os desafios que estão por vir?
- Estou oferecendo o meu melhor?
- Estou preparada para ele?

Eis que, neste momento, na linha do horizonte, surge uma linda luz e um espetáculo começa a se desenhar:

- Seria um sinal divino?

Quem sabe, mas caberá ao maior de todos, o astro rei, findar este lindo dia para que um NOVO possa iniciar!





Parabéns pelo belo e delicado texto, Graziele!

Você demonstrou ter sensibilidade para olhar a natureza que a cerca em seus detalhes e a partir disso olhar também para dentro de si. Você diz que professores são árvores, e eu adorei essa metáfora. Eu afirmo sempre que professores são "madeira que cupim não rói", porque são fortes, resistentes, suportando bravamente as dificuldades que a profissão nos impõe e permanecendo firmes na luta para oferecer ensino de qualidade a nossos aprendentes, "nutrindo-os para que eles possam ir além". Somos uma árvore nobre, enfim. Também concordo quando você afirma que essa tarefa de escrever sobre o olhar é difícil e um grande desafio, mas você conseguiu realizá-la muito bem. A porta foi aberta e você a fechou com maestria. Com certeza, muitos outros dias lindos vão findar, para que novos dias possam iniciar. Que os finais de tarde lhe tragam profundas reflexões como as que você fez. E que ele, o astro-rei, sempre brilhe em sua vida!

Com carinho,

Betânia

ALZHEIMER¹, O LADRÃO

de Tesouros

LETICIA CAPRA ROSSETTI*

Ela estava imersa em seus afazeres diários, cuidados com os animais, o som da panela de pressão com o alimento quase pronto para servir, a visita da filha mais velha, entre três mulheres. Elas conversam sobre tudo, receitas de sobremesa, os almoços da comunidade São Roque, a vida que passava tão depressa. O cachorro que latia ecoando o som pela vizinhança, o marido, Teolindo Capra, que abastecia o fogão à lenha para manter a casa aquecida e garantir o almoço na chapa, prática que trouxeram da colônia aonde moraram durante toda a vida cuidando de um vasto parreiral e produzindo vinho. Entre essa troca de carinho na conversa entre mãe e filha em que as palavras têm o poder de trançar, um lapso de memória chama a atenção de Celita: a mesma história era repetida pela terceira vez. Já era visível, minha avó materna Nair Slomp Capra, foi diagnosticada com Alzheimer em estado avançado. As palavras dela foram perdendo o sentido, o brilho do olhar foi se apagando, dando espaço à impotência perante as atividades do cotidiano. A mulher cheia de vida, de sonhos, agricultora, vinda da colônia para morar na cidade aos 70 anos para viver sua plenitude.

Nair, uma senhora corajosa já não compreendia mais a vida. As mais deliciosas receitas que reuniam a família, já não tinham mais o mesmo sabor. Ela não percebeu a doença, quando as filhas receberam o diagnóstico ela já não tinha a memória mais recente. Lembrava de momentos mais antigos, como os da sua juventude, quando conheceu alguns cavalheiros, seus pretendentes, ou ainda quando foi estudar na capital gaúcha, no colégio Sévigné por algum tempo. O corpo já não correspondia mais. Nair é uma mulher alta, com presença marcante. As pernas não tinham mais força para sustentar, mas a vontade era grande de não se entregar. Negava qualquer tipo de ajuda, bengala ou andador. Em seu íntimo, transparecia o orgulho de uma mulher independente que já não podia mais viver sozinha.

Teolindo, homem trabalhador da roça, acostumado com o serviço no parreiral quando morava na colônia e na cidade mantinha alguns hábitos da vida colonial, como a horta nos fundos da casa, as árvores no entorno, alimentava os animais, cortava a lenha, fazia as compras da casa. Ao se deparar com a degradação da esposa, não se conformava, tratava Nair como uma criança indefesa. Teolindo não compreendia como a doença de Alzheimer poderia agir em Nair, mas a cada dia se deparava com o poder dessa doença.

¹ Alzheimer é a forma mais comum de demência neurodegenerativa em pessoas de idade. A causa é desconhecida, mas acredita-se que seja geneticamente determinada. A doença instala-se quando o processamento de certas proteínas do sistema nervoso central começa a dar errado.

Os passeios cessaram, o casal passou a ter a rotina em casa. A família voltou seus olhares preocupados para os dois idosos, percebendo que a velhice chega sem avisar, devagar, vai se instalando, algumas vezes com doenças, como aconteceu com a minha avó. Porém, a vida das filhas precisava continuar, mas sem deixar de olhar com preocupação para os mais novos dependentes da família.

Eu, como neta mais velha, tenho um lugar especial no coração dos meus avós e a recíproca é a mesma, pois morei com eles na minha primeira infância. As minhas conversas com a avó tomaram outro rumo na fase da doença, em que em alguns lampejos de consciência ela dizia: eu fiquei velha, estou indo morar em outro planeta. Ela sempre foi uma senhora muito religiosa, ainda tinha na lembrança todas as orações, a memória não conseguiu fazer com que ela se esquecesse da fé. Em muitos momentos, eu e minha avó passamos deitadas na cama, no quarto escuro, orando. Aprendi algumas orações novas que me fizeram ter ainda mais fé na vida e no que nos aguarda após ela.

São sete anos convivendo com o Alzheimer. E todas as manhãs, com o som dos passarinhos cantando no jardim, o sol aparecendo causando um conforto quente no corpo, Nair era levada até a varanda para sentir a brisa quente acariciando sua face. Antigamente, ela sentava no mesmo lugar e comia as jabuticabas dessa árvore, que ficava logo à frente do banco no jardim. Hoje, sem a lembrança, somente sente a vida no presente, porém sem sentido para ela. Inúmeras profissionais de saúde, cuidadoras passaram pela vida deles prestando os cuidados necessários. Há três meses às pernas de Nair perderam totalmente as forças e a sonda alimentar colocada em seu corpo, interrompeu a alimentação pelo modo tradicional. O meu avô entristeceu. A família vivenciou todos os momentos da mulher, tão especial em seu modo de viver, que se perdeu do seu tesouro com a escuridão da doença.

Com os dias frios de inverno e a saúde frágil do casal, os dois foram hospitalizados. Primeiro foi ela, depois foi ele. As filhas já não tinham mais força física para manusear a mãe e agora o pai, que ficou com demência². E chegou o momento que uma decisão difícil precisou ser tomada



2 Demência é a diminuição lenta e progressiva da função mental, que afeta a memória, o pensamento, o juízo e a capacidade de aprender.



O novo lar

Ao despertar em um lugar diferente, o casal Teolindo e Nair não percebe o que aconteceu. Para eles o momento presente é o único que existe. A bela casa, com pessoas em volta. Essa é a nova realidade deles, uma clínica de repouso. As visitas das filhas são diárias, elas se dividem entre os dias da semana. Todos estão envolvidos no momento final da vida deles. Sim, é o momento final!! Uma clínica para idosos, um lugar capacitado para receber essas pessoas com seus 'tesouros escondidos' pela incapacidade física e mental de agir em suas vidas. Nair já não fala mais, Teolindo acorda dizendo que "vai pra roça" e assim seguem imersos em seus delírios.

Então, o novo lar conforta mais duas vidas. Não foi algo que agradou a todos, foi dolorido, mas foi o melhor que puderam oferecer, por tudo o que o casal fez pela família. No alto de seus 88 e 91 anos, eles aguardam partir, mas deixam seus tesouros guardados na memória das suas três filhas, cinco netos e quatro bisnetos. Enquanto existir vida, eles estarão acolhidos, amados e embalados pelas nossas lembranças.

Era uma vez um casal de agricultores e suas três filhas, Celita, Marinete e Liamara.....

Prezada Leticia,

Eu fiquei emocionado ao ler teu texto e agradeço pela emoção e reflexão que a leitura me possibilitou. Primeiro, porque dá uma tristeza percebermos o "fim da linha" daqueles que amamos, queríamos nesses momentos ser dotados de superpoderes, capazes de transformar tudo na sua melhor forma. Quando se trata daqueles que amamos, gostaríamos de devolver a saúde plena, o vigor... Não sendo possível, temos que buscar o mais humano em nós, o melhor da nossa generosidade, solidariedade e amor para cuidar e seguir "juntos" com tudo que a vida traz.

Na intenção de confortá-la, acariciar tua generosidade, o cuidado e carinho que tem pelos avós, mesmo não sabendo quais são tuas crenças religiosas, me permito dizer "tudo é de Deus" todas as coisas que vivemos são experiências que nos permitem demonstrar e recriar o mais humano em nós e especialmente a nossa capacidade de amar.

Percebo isso na tua narrativa, vocês (a família) são pessoas amorosas e estão vivendo uma situação difícil, mas, porque regada de amor, generosidade, solidariedade e carinho se torna parte da vida. E por não sermos dotados de superpoderes, tudo que podemos fazer é disponibilizar o melhor e mais humano que existe em nós.

Então, parabeno-os pela forma como estão a lidar com a situação sem abdicar de dedicar amor, tempo e carinho, é uma atitude de cuidado e maturidade na relação familiar.

Também achei muito boa a construção do teu texto em três tempos, trouxe informações das doenças, apresentou uma narrativa de fragmentos da vida que mostra uma realidade de fato vivenciada por muitas famílias, porém, o diferencial da família da Nair e do Teolindo é que eles conquistaram o amor, carinho e cuidado da família.

Muito grato por compartilhar a tua história comigo.

Antonio

SOBRE O VIVER, O SER, O OUVIR E O OLHAR

MANUELA DAMIANI POLETTI DA SILVA*

“(...) o olhar não acumula e não abarca, mas procura;”
Sérgio Cardoso

Viver pressupõe movimento. Pressupõe uma sucessão de etapas, de ciclos. Seguir em frente. Deixar fluir. São várias as metáforas para a vida que envolvem o mover. Somos seres que se movem. De forma interna e externa. Não há o que permaneça. Todas as coisas se sujeitam a esse fluir.

O movimento segue um ritmo. Às vezes mais lento, outras tantas mais acelerado. Poucas vezes esse ritmo é ditado por nós mesmos. Na maioria das vezes, a toada vem de fora. Dançamos a música que o “baile toca”. Somos arrastados por um mundo que gira e que gira não apenas ao redor de si ou do Sol, mas gira dentro de cada um de nós.

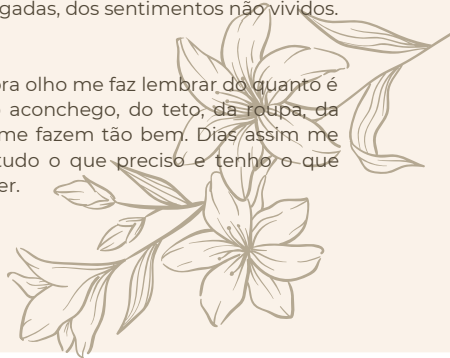
Ao girar com e no mundo, poucas vezes nos é permitido atentar à nossa própria música, ao nosso próprio ritmo. Ouvir, perceber, reconhecer e obedecer ao nosso próprio ritmo exige uma interrupção nesse movimento todo. Exige uma pausa e um mergulho dentro de si. Exige um desprender-se daquilo que nos é “empurrado” como algo dado, como algo posto. Exige um novo olhar, um olhar que não se acomoda, mas que busca...

Olhar e não apenas ver...

Permitindo-me essa pausa, atenta para meu próprio ritmo, permito-me “olhar”... olhar para dentro de mim, olhar para fora... olhar para o coração, olhar para o céu...

O céu está escuro. Nuvens pesadas, cinzas. Não sei se é apenas chuva; talvez as nuvens tragam com elas os primeiros frios do inverno que se aproxima. São dias de trânsito confuso e trancado. Tudo parece ficar mais difícil, mais triste, mais feio. As pessoas se escondem debaixo de seus guarda-chuvas, dentro de seus casacos e de suas casas. Essa escuridão às vezes me atinge. E o peso que está nas nuvens se instala dentro do meu peito. Lembro dos dias difíceis. Sinto saudades de pessoas queridas. Lembro das tarefas não feitas, das contas em aberto, das palavras engasgadas, dos sentimentos não vividos. E chove dentro de mim...

Mas como vida é movimento, o mesmo céu que agora olho me faz lembrar do quanto é bom estar em casa. Da importância do abrigo, do aconchego, do teto, da roupa, da cama, da comida. Das pessoas que ficaram e que me fazem tão bem. Dias assim me fazem recordar o quanto sou privilegiada: tenho tudo o que preciso e tenho o que muitos sonham em ter. E, assim, lembro de agradecer.



O céu carregado também me faz desejar a volta do sol, da luz, da claridade. E como é bom saber que tudo passa. Não há chuva que dure para sempre. Aquilo que me angustia e que me tira o sono será superado. As tarefas serão cumpridas, de um jeito ou de outro vou dar conta das coisas que tenho por fazer. Casa, filhos, cachorro, pais, textos, escritas... vou fazer o possível e tudo vai ficar bem. Sempre fica. As contas em aberto? Logo estarão em dia. Nesse momento, as nuvens pesadas se dissipam e o céu se abre, permitindo que uns raios de sol toquem vários pontos do chão úmido. E o meu coração se acalma e volta ao seu ritmo regular.

As tonalidades do céu, a densidade das nuvens, a força do vento e do sol se alteram, se sucedem, se modificam. E sigo olhando pra esse céu que tanto mostra, que tanto revela. Em meio a processo simbólico penso na minha vida, em como o movimento de fora sincroniza-se com o de dentro e vice-versa. Sou céu escuro e de nuvens pesadas. E sou céu limpo e cheio de luz. E mais uma vez agradeço por poder ser e estar aqui, por poder seguir o fluxo, o ritmo da vida e, sobretudo, por me permitir parar para mais do que apenas ver olhar para o que me cerca e o que me constitui. Percebo que foram muitos os dias de chuva na minha, mas muito mais foram e são os dias de sol.

O fim de tarde se aproxima e não dá para dizer se o dia acaba com chuva ou com sol. Termina, na verdade, com os dois, numa convivência harmônica e necessária que serve perfeitamente como uma metáfora para a vida. Algo bem clichê, não é? Mas, se formos de fato honestos, qual clichê não carrega em si uma grande verdade? Viver é isso mesmo: sol e chuva. Importa entender esse ritmo, esse movimento. Importa olhar para fora, para a vida e olhar para dentro, para si. Buscar aceitar o que vem com a mente e o coração abertos, entendendo que tudo tem seu tempo, seu significado e seu ensinamento.

Mais uma vez agradeço. Agradeço pela oportunidade de parar e olhar para o céu nesta tarde chuvosa de maio e de olhar para mim e para o que eu sinto. Agradeço porque meu olhar segue encantado pela vida e pelo seu fluir, porque me permito olhar para o céu e permito que ele me ensine e fale comigo. Agradeço por ouvir o que ele tem a me dizer. E anseio para que o amanhã me traga um novo céu e que eu possa estar aqui para seguir olhando pra ele e para dentro de mim.

Manuela,

Gostaria de te parabenizar pelo lindo texto que escreveste. As tuas palavras revelam a tua positividade em relação à vida e como as coisas vão acontecendo, muitas vezes sem a nossa intervenção ou desejo, simplesmente seguem o fluxo da vida. Foste muito feliz em colocar que a vida tem ciclos. Às vezes coisas ruins acontecem, momentos em que ficamos angustiados e nos sentimos desafiados, tomam conta da nossa vida. Porém, assim, como os momentos bons se vão, também os ruins, num movimento de ir e vir, seguindo o fluxo da vida. Fiquei feliz em ter lido do teu texto. Um grande abraço,

Sabrina



ENTRE

objetos e afetos

MARIA DE FÁTIMA FAGHERAZZI PIZZOLI*

Aproveito o momento em que o apartamento está em silêncio para fazer o exercício proposto. Já é quase meia-noite, meu marido (*Fábio*) e meu filho (*Fernando*) já se recolheram e eu decidi fazer o trajeto da entrada do apartamento para a sala de estar e jantar.

Ao entrar em casa, no móvel que divide a sala, em seus vários compartimentos, observo os objetos: logo na entrada, um pequeno elefante que Fábio trouxe da Índia numa viagem a trabalho, no período das monções. Nosso filho era recém nascido e me recordo das mensagens diárias que recebíamos, de um pai ansioso por voltar. Ao lado, um conjunto de cerâmica de encaixe com uma família de três elefantes, e um pequeno touro (*torito pucurá*) que eu trouxe de uma viagem ao Perú, símbolo colocado no telhado das casas para trazer boa sorte. Sinto que tais objetos ali estão, não para trazer sorte, mas para lembrar que sim, temos boa sorte: uma família e um lar que nos aconchega.

Em um dos compartimentos há algumas fotos em porta-retratos: do Fábio com o meu sogro (na formatura) em um abraço sorridente, dele e sua irmã (na infância) num momento alegre e fraterno em que ela parece protegê-lo, sinalizando uma cumplicidade que existe de longa data. Ao lado, uma foto minha com minha irmã gêmea quando tínhamos uns seis anos, em casa, abraçadas em um cachorrinho branco, um dos muitos que tivemos, lembrando uma infância simples, mas que traz memórias de afetividade. No compartimento ao lado, uma foto de estúdio do nosso casamento, emoldurada num porta-retratos em tom acobreado, uma pombinha de cerâmica e um gatinho em tons cobre e, no mesmo espaço, uma bandeja com uma jarra e quatro copos de cristal cor champanhe, presente do casamento dos meus pais, *Amábile* e *Nelso*, que viveram juntos por 50 anos. Me pego pensando porque teria eu juntado esses objetos no mesmo compartimento do móvel. Talvez porque casamos no dia em que meus pais completavam 45 anos de matrimônio, como que para lembrar que uma união precisa ser forte para ser duradoura, precisa ser cultivada, com respeito e cumplicidade, sem os quais nenhum amor resiste.

Adiante, uma bíblia, uma imagem na cor de ouro velho de Nossa Senhora, uma flor de lótus de cristal e um vaso de flores, símbolos de fé, de palavras que perduram há séculos, mas que ainda parecem tão difíceis de se praticar. No compartimento de cima, mais alguns porta-retratos: uma foto da nossa família no dia da formatura do Fernando na escolinha infantil.

*Doutoranda do PPGEDU - UCS.



Adoro essa foto, parece um evento sem muito sentido, daqueles feitos mais para agradar as famílias do que as crianças, mas que mesmo assim nos mostrara que nossa criança estava crescendo e pronta para a escola, o rito de passagem: o ingresso na escola regular. Outra foto do Fernando com cinco anos e, ao lado, uma foto com trajes típicos italianos, de uma passeio de Maria Fumaça que fiz com ele e o primo Bruno, então com 3 e 9 anos. Lembro que ele adorou o passeio, ficou semanas falando sobre o trem, fascinado com a experiência, tagarelando sobre movimentos, sons, cores, paisagens que se descortinaram para ele, misturando fantasia e realidade.

Mais um compartimento: dois vasos de cristal que eu e o Fábio escolhemos ainda no início do casamento, para o nosso pequeno primeiro apartamento, resistem há mais de vinte anos, como a nos lembrar de um tempo simples e feliz. Entre os vasos, uma peça de madeira, uma mulher em trajes típicos segurando um coração, que eu trouxe também do Perú numa viagem de estudos, da qual trago belíssimas recordações. E bem no alto, uma pequena máquina de costura antiga, que pertenceu à avó paterna do Fábio, e que ganhei do meu sogro, porque adoro objetos antigos.

A sala ampla contempla uma mesa de jantar quadrada, de oito lugares. Sempre gostei de mesas grandes, o que parece meio sem sentido, numa família de três pessoas. Talvez isso se explique porque éramos sete pessoas na minha casa, meus pais e cinco filhos, sendo eu a mais nova. Quando juntamos a família do Fábio, somos oito, e a mesa fica cheia, gosto muito disso. Já a minha família, é bem maior, mesmo a nossa grande mesa se torna pequena para reunir as dezenas de pessoas.

Sobre a mesa uma toalha branca de crochê, que inicialmente era uma colcha que meu pai encomendou para uma de suas irmãs confeccionar e me deu de presente para o enxoval. Com o tempo, resultou pequena para o tamanho da cama do casal, então pedi para dona Amábile completar o acabamento que seria da cabeceira da cama e, assim, a colcha foi transformada em toalha, bordei detalhes em pérolas, e hoje ela adorna nossa mesa. Ao visualizar a toalha, instantaneamente me vem à memória doces lembranças de meu pai, minha tia Elsa e minha mãe. Talvez as pérolas que bordei, mais do que uma tentativa de embelezar o que por si só já era belo, tenha sido uma forma de colocar algo meu e unir esse trio tão querido a mim, representado nessa peça.

Na sala temos seis aquarelas: duas grandes, uma com paisagem de campo e outra que retrata um moinho no interior de Flores da Cunha, onde uma tia materna morou. Outras duas aquarelas são da Piazza San Marco, em Veneza. Elas me lembram do meu sonho de conhecer a Itália, que espero um dia poder realizar. As quatro meu sonho de conhecer a Itália, que espero um dia poder realizar. As quatro aquarelas citadas são assinadas por Antonio Giacomini, meu primo, filho de uma das irmãs de minha mãe. As outras duas aquarelas, assinadas pelo meu tio Evaristo Conte, irmão da minha mãe e quem inspirou meu primo a pintar, são paisagens de mar e gaivotas, que ganhei quando completei 17 anos. As aquarelas da nossa sala são sutis, delicadas, que me fazem lembrar da infância, da família e dos sonhos que ainda posso e pretendo alcançar.



Apesar de morar há doze anos neste apartamento, e da sala contar com um janelão e uma saída para a sacada, não fiz cortinas. Não porque não goste, mas fui adiando, colocando outras prioridades. A sala é frente sul, não há entrada de sol, e a claridade vem daquela janela, talvez inconscientemente eu não queira que nada se interponha entre a sala e claridade que por ali adentra... Temos também algumas plantas: um bambu, um pau d'água, uma zamioculca, pequenas begônias e violetas...

Na sala de estar, onde há um sofá em L, e uma pequena mesa de centro onde descansam alguns vasos com plantas e duas pombinhas de cerâmica azul. Aliás, temos mais quatro pombinhas de cores branca e avermelhadas espalhadas pelos móveis, além de anjos, miniaturas de bichinhos de cristais e mais porta-retratos. Neles vejo uma foto do meu pai, que eu adoro, lembro quando ela foi tirada, numa manhã fria e ensolarada de inverno, na cozinha da casa de infância, ele está de pé, olhando em direção à janela, com seu casacão preto, olhar sereno, estava comendo amendoim, mas isso não aparece na foto, a não ser pela posição da mão esquerda, que eu sei, segurava alguns amendoins ainda na casca, daqueles que se sapeca no forno do fogão a lenha. Tenho dele uma saudade bonita, uma falta de poder abraçar e olhar aqueles olhos azuis, que sabiam transmitir, sem palavras, o carinho, as emoções e impressões que ele sentia.

Há ainda uma foto da família do Fábio, que fizemos na formatura do seu único sobrinho. Todos sorrindo, foi um momento muito alegre. Há dois porta-retratos com fotos da minha mãe com seus cinco filhos, e uma foto de um dos meus irmãos comigo e com a minha irmã gêmea. Foram feitas no mesmo dia, no nosso aniversário de 40 anos. O pai já não estava, a mãe ainda estaria conosco por mais oito anos. Ao olhar essa foto, me recordo da metáfora que meu pai usou quando o questionei do porquê não víamos com a mesma frequência a família dele quanto a da nossa mãe. "Filha, disse ele, tu já viu o que acontece quando se tira a galinha choca dos pintinhos?" Diante da minha negativa, ele continuou "os pintinhos perdem o rumo, se espalham, vão um para cada lado...", foi isso o que aconteceu com a gente quando a nossa mãe morreu." Senti uma pontada de tristeza na voz dele, porque, tendo perdido a mãe aos nove anos, não encontrara o mesmo afeto no pai, de forma que experimentara uma espécie de orfandade antecipada. Meu pai, ao contrário, era agregador, gostava de saber da família, onde estava cada um, filhos, netos, e assim conseguia reunir a todos.

Olhando nossa foto, a dos cinco filhos com a mãe, que nos deixou há quatro anos, me pergunto se não estamos nós agora extraviados como os pintinhos da sua galinha choca... Continuamos ligados, sem brigas, mas há uma diferença, talvez a ausência de nossos pais, a sensação de orfandade (daquele papel de filho e filha que não mais exerceremos), a necessidade de cuidar dos próprios núcleos, sei lá, já não é a mesma coisa. Talvez seja apenas o ciclo das nossas vidas se renovando, trazendo novas prioridades, deixando como sinal da família toda outrora reunida com mais frequência, um sentimento de melancolia.



Há também uma foto do Bidú, nosso primeiro cãozinho, presente do Fernando aos quatro anos, e que hoje já é um senhorzinho de treze anos. Outra foto, mais recente, unindo Bidú e Floquinho, o mais novo, hoje com um ano e meio.

Ao lado do sofá, uma cadeira de balanço, que era do seu Nelso, e que mandei restaurar após a partida da minha mãe, quando tivemos que desmontar a casa onde viveram durante toda a vida de casados. O "cadeirão" era o preferido do meu pai, bastava que ele levantasse e logo algum dos filhos ou netos ocupava o lugar, mesmo que por breves instantes, como que a exercer um certo fascínio em quem nele se acomodava. É uma peça que tenho com muito amor e que me traz ótimas recordações.

Há ainda uma bancada que divide a sala da cozinha e, sobre ela, uma pequena gruta com uma imagem de Nossa Senhora. Tenho um carinho e uma devoção especial por Maria, é a ela que recorro nos momentos mais difíceis e também para agradecer as graças recebidas. Ouvi certa vez, não lembro de quem, que "Maria jamais se esquece de quem lhe oferece flores", além das orações esse é meu vínculo com ela, flores, naturais, de cristal ou artificiais, há sempre flores junto de Maria em minha casa.

Também acredito em anjos, em especial no meu anjo da guarda, presente carinhoso que recebemos do Pai e que nos é dado para proteção ao nascimento e que fica conosco até a travessia final para o plano espiritual. É nisso que acredito e, certamente por essa influência, é que tenho alguns enfeites de anjos na sala.

A vida corrida, pouco me permite usufruir da minha casa, pelo menos até aqui, agora com o doutorado a estou redescobrimo. Este exercício, me permite, assim de forma breve lançar um outro olhar sobre esse espaço tão amplo e até desproporcional em relação aos demais cômodos da casa. Percebo agora, o tanto de significados e sentimentos que guardam e se renovam a cada objeto.

Mistura de cores, seja nos tapetes ou nas almofadas, seja nas fotografias ou em outros objetos, me lembram que a vida é colorida, e que a escolha sobre os tons é na maior parte das vezes, nossa atribuição. Viver uma vida em preto e branco, bege, ou colorida, depende de como nos sentimos, como construímos e cultivamos nossos relacionamentos e nossos sonhos. Sempre é tempo de colorir.

Ao abrir meus olhos, findado o exercício, ali estavam meus dois fiéis escudeiros: Bidú e Floquinho. O primeiro, tranquilo, deitado no tapete, dormindo o sono dos justos, pleno e sereno. Já Floquinho, atento, ao me ouvir levantar, corre a buscar seu cordão de brincado, trazendo para que eu entre na brincadeira. Sem palavras, só olhares, cumplicidade de quem está sempre por perto, pronto para acolher e brincar, de quem oferta o carinho e retribui a proximidade, antes de mesmo de girarmos a chave na porta de entrada. Talvez para lembrar que amor é mansidão, é parceria, é alegria e simplicidade, é convívio e cumplicidade.



A sala, que durante o dia pode ficar bem agitada, agora está mergulhada no silêncio. Estranhamente, tal silêncio me mostra que nela habitam não apenas objetos, móveis, plantas, mas recordações, vínculos, afetos, de ontem e de hoje, que a tornam viva, pulsante. E assim me descobro, feliz, entre objetos e afetos.



Maria de Fátima

Gostei muito do texto, lendo ele com atenção quase consigo visualizar por completo o trajeto que mencionaste entre a entrada do seu apartamento e a sala de estar e jantar. Alguns ricos detalhes dos objetos, das memórias trazidas pelos mesmos, das eventuais sensações, dos momentos em que foram trazidos ao local, das viagens que os originaram, da posição onde estão, dos eventos que rememoram realmente "nos colocam dentro" do seu ambiente por aqueles breves momentos que se propôs a relatar, mesmo que tenham sido alguns minutos.

Mas estes mesmos minutos são possíveis de mentalmente recriarmos este caminho usando a imaginação do leitor e "montar um filme", quase a descrição de uma cena de cinema, pelo menos essa foi a minha sensação ao ler esse texto. Ao mesmo tempo, a impressão de estar olhando para tudo isso com seus olhos, a sua interpretação da situação, a maneira como toma cada objeto e os descreve colocando suas memórias junto aos mesmos, então a cena ganha outro olhar, não só da imaginação do leitor, mas também das sensações que o "ator" principal dessa cena está vivendo, sentido, quase que imaginando como o rosto do mesmo se comportaria diante da situação quando, enfim, buscamos refazer este trajeto e colocando você como personagem principal executando a situação.

Somente um olhar atento, sincero e sentimental sobre o local, os objetos e a situação, assim como tiveste a sensibilidade de nos trazer, consegue criar este tipo de situação. De minha parte, parabéns, tenha certeza que foi um privilégio pessoal poder ler, muito obrigado.

Atenciosamente,

André

APRENDER COM AS CRIANÇAS

O que esquecemos quando adultos

MATHEUS WILIAN DE JESUS REIS*

Olhei pela janela do quarto e vi uma avenida cheia de carros; havia barulho de buzinas e dos pneus passando sobre o paralelepípedo. Olhei um pouco mais e vi crianças brincando no pátio do colégio Murialdo. Tinham entre 8 e 10 anos e formavam um grupo de 20 crianças. Elas corriam felizes; pulavam e gritavam umas com as outras. Pareciam não se preocupar com o que os que as olhavam (educadores, monitores de pátio, trabalhadores do colégio, alunos de outras turmas, eu) pensariam a seu respeito. Suas ações possuíam uma singela liberdade, que uma parte dos adultos desconhece porque, provavelmente, abafaram ao longo da vida.

As crianças costumam me lembrar de um tempo em que o próprio tempo não tinha valor, pois o que valia era a presença. Não me preocupava tanto com o valor produtivo que cada hora tinha. As horas podiam correr entre minhas mãos, meus joelhos ralados, minhas emoções, entre brincadeiras que me absorviam de tal forma que nada mais era importante, somente estar ali.

Olho para estas crianças e percebo movimentos descontraídos que não temem expressar com clareza o que sentem e o que gostariam de dizer. Me pergunto se nestas ações não estão presentes sementes de autonomia, de potência de emancipação. Se estão, para onde irão? Elas os ajudarão a tornar-se seres autênticos no futuro? Será que se na fase adulta tivéssemos a coragem que as crianças têm de falarmos sobre o que acreditamos, viver o que pensamos e de estar presente de forma absorpta na ação que realizamos, seriam necessárias reflexões sobre a necessidade de nos tornarmos autônomos, autênticos, emancipados?

Observando um pouco mais as crianças no pátio, algo me chamou a atenção. Um grupo de meninos brincava com uma bola. Num dado momento, dois deles se estranharam e, como reação, foram agressivos. Houve uma interferência do educador que estava no pátio e os dois foram retirados da brincadeira. Foram colocados para sentar-se lado a lado. Não demorou muito e, com um olhar de quem entendeu que agiu de forma errada, um decidiu pedir desculpas para o outro e este aceitou devolvendo o pedido com um abraço. Foram até o educador, que compreendeu o movimento ocorrido, e retornaram à brincadeira.

Esta ação me levou a pensar no quanto, na vida adulta, nos perdemos em situações, coisas simples vividas nos relacionamentos cotidianos que poderiam ser resolvidas com um gesto de humildade e um pedido de desculpas. Parece que as crianças entendem com facilidade, porém de forma própria, que o tempo corre e as oportunidades passam com ele; que o hoje é o único tempo que temos para viver; que

*Mestrando PPGEDU - UCS.

o passado me ajuda a construir minha história, mas eu não preciso me prender a ele, antes posso construir um novo no presente a partir da experiência que o este me proporciona.

Olhando para as atividades que essas crianças desenvolviam e pensando em alguns aspectos da autonomia, lembrei-me que o referido conceito está ligado de forma intrínseca com a liberdade. Este último, pensado em algumas situações de forma abstrata ou concretizado em ações que remetem a uma vida individualista, não me pareceu ser um conceito distante da realidade humana. Freire (2009) afirmou que o autônomo é antes de tudo ético. Uma vida ética pressupõe não pensar somente em si mesmo, mas no outro, naquele que está ao meu lado: como fez a criança ao ser capaz de pedir ao colega desculpa pela ofensa realizada e do outro que, aceitou o pedido expressando-se com um abraço.

Colega Matheus,

Tiveste a felicidade e a oportunidade de observar crianças próximas a tua janela. Tua profunda e tocante descrição nos faz pensar sobre o quanto temos a aprender ao olhar para as crianças. Freire dizia que um dos grandes pecados da escola é desconsiderar tudo com que a criança chega a ela. A escola decreta que antes dela não há nada. Todavia, a criança traz consigo conhecimentos, hábitos, desejos, sentimentos e medos, que precisam ser conhecidos e respeitados pelos educadores e educadoras. Para Freire, é fundamental que o professor respeite esse saber de experiência e, a partir dele, estimule a criatividade e a capacidade de leitura do mundo dos educandos, ou seja, temos de ser capazes de compreender o universo infantil. O colega cita a capacidade de perdoar. Crianças costumam perdoar sem restrições. Seguramente trata-se de uma valiosa e importante lição.

Alexandre

OLHAR E MEMÓRIA DE FLORES...

a mais bela percepção

MICHELE MARQUES BAPTISTA*

Ao sentar na varanda da minha casa, nos dias que possuo alguns momentos de descanso nessa vida corrida entre trabalho, estudos e tarefas de casa, aprecio com calma e felicidade meu pequeno jardim de *orquídeas*.

Fico parada olhando para suas cores e, pelo fato de gostar muito dessa planta, fico também pensando como existem coisas lindas ao nosso redor e que muitas vezes não damos valor ou importância.

A correria do dia-a-dia nos faz refém de uma vivência rápida e sem sentido. Não paramos para observar o que temos ao nosso redor, pois não nos permitimos tal ato devido aos compromissos diários que deixamos sempre em primeiro lugar.

Estamos correndo... correndo contra o tempo, contra a vida, contra nós mesmos.

Olhando e refletindo alguns momentos para essas orquídeas, aprecio suas lindas formas e cores, sinto paz e conforto, sinto que estou viva. Saio da frente do computador e fico em silêncio.

Consigo dar um tempo para mim e ter outras formas de pensar.

Se todos os dias a gente conseguir "parar", "sentar" e apenas "apreciar" nem que seja por alguns minutos, podemos nos sentir vivos e dar valor a isso, a esse momento só nosso.

Acredito que uma pesquisa etnográfica é isso. É conseguir viver aquele momento por meio de reflexão, descrição e apreciação (não somente observação). Ter um momento para vivenciar algo que faça bem, olhar para algo que está ali, mas que muitas vezes somente passamos os olhos.

E assim continuo olhando para as orquídeas e buscando a minha paz...

Michele,

Obrigada pela oportunidade de ler seu relato. Simples, belo e delicado. Senti daqui a calma desse momento. Não sei se enquadra como um registro etnográfico, quem sou eu pra dizer, mas a leitura é leve, curta e simples, tipo uma minicrônica ou a escrita de um diário.

*Abraço!**Délma*

O OLHAR DA PROFESSORA NUMA TENTATIVA DE ESCRITA SOLTA:

*três historietas sobre momentos
contemplativos*

MONICA SCOTTI*

Como quase toda professora de Matemática que conheço, costumo dizer para meus estudantes que a grande maioria de nós, meros mortais, “aprende” Matemática a partir da observação e pelo exercício.

Pelas observações do nosso entorno, dos padrões de repetição, dos modelos que nos invadem o dia a dia... pelo exercício de repetição (inúmeras vezes), mas também pelo exercício criativo, aquele que investiga potencialidades de nossas generalizações... e aquele que nos permite ver o erro como coadjuvante no processo.

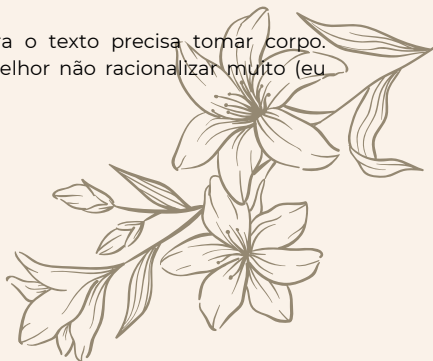
E como boa estudante que desejo ser, coloquei-me a realizar a tarefa... Ah, a difícil arte de escrever sem rumo, sem amarras, sem censura... mais fácil seguir um fio condutor, não? Visualize, caro leitor, a professora que aqui escreve falando sobre isso... cartesiana, apegada a roteiros, “cria” da Área Dura, da Área de Exatas. Como pode querer escrever com fluidez e leveza? Parece que não combina, né?

Colocando em prática o meu discurso: vamos ao exercício... vamos aceitar o erro como processo, vamos repetir, “trepitar” e “quadrepitar”, se necessário (com o perdão da palavra e usando de toda a liberdade que essa proposta de escrita me permite). Escrever, refletir... perceber as miudezas que o “ver” não capta, mas o olhar sim! Ah, quanta sensibilidade é necessária para direcionar o olhar, para olhar o que está no nosso entorno, quem está no nosso entorno... Penso que esse exercício se repete na trajetória da pesquisa: o olhar sobre nosso objeto de investigação. Afinal, pesquisa é percepção do mundo (anotei isso em alguma aula e é o pensamento que ecoa quando tento organizar essas palavras).

Comecei com registros desorganizados, mas agora o texto precisa tomar corpo. Escrevo para mim? Para a tarefa? Para o leitor? Melhor não racionalizar muito (eu tento!). Apenas escrevo...



*Doutoranda do PPGEDU - UCS



Quando registrei (e agora organizo) minhas primeiras palavras nesse documento, era noite... e chuvosa. Cheguei em casa, depois da aula. A casa quieta e quase escura. Filha e marido dormindo, como deveria ser. Afinal, criança tem que deitar cedo! Mas faz falta a “festa” da minha filha, Luisa, quando chego em casa e ela, por um descuido do pai, ainda está acordada. Hoje eles cumpriram o combinado! Deito uns minutos no sofá, fecho os olhos... dá para escutar a chuvinha batendo na janela da sala. É uma janela grande (as cortinas ainda não haviam sido fechadas) e, em seguida, me pego olhando o poste de luz, que fica bem na frente do prédio, numa esquina. Sentei no chão da sala, pernas cruzadas numa posição que não me permite ficar muito tempo. Luisa diria que é “perna de índio”. Observei o poste novamente, sob um ângulo novo. O corpo pede comida, um café é bem-vindo. Volto para frente da janela, munida de mantimentos agora. E o poste, com a luminária imponente, ali. Agora, é o poste que me olha... e o reflexo da luz na minha janela permite que eu veja o que está atrás de mim: bagunça. Uma total e completa coleção de brinquedos e “legos” mal guardados, empilhados, socados num canto. Então, escuto os passinhos e uma descabelada menina aparece na sala: “o que tu tá fazendo sentada aí no chão?”, quis saber. “Já vou deitar, só terminando o café”, respondi. Então, ela pediu se podia ficar um pouco ali também. Contou que, quando chegou em casa, viu dois cavalos pastando na chuva mesmo, ali no campinho do outro lado da rua. Segundo ela, um devia estar muito triste pois ficava o tempo todo de cabeça baixa. Miudezas desse dia. Talvez eu não tivesse escutado a história se cumprisse o protocolo: “vai deitar, já está tarde, amanhã conversamos”. Mas era o dia de exercitar o olhar... e ela ficou ali. Olhando pela janela também... bem quietinha, depois da história do cavalo. Foi-se o tempo que a noite era minha companheira de produção: esperava que todos fossem dormir, combinava uma folga para a manhã seguinte e estudava (era época do Mestrado) noite adentro. Agora eu só conseguia ficar parada, olhando o poste ou a lâmpada. A minha mente não produz nesse horário, mudei meus hábitos depois que a Luisa nasceu (são mais de oito anos nessa jornada). Amanhã eu termino o exercício! E decido que vou começar a escrever cartinhas para a Luisa. Acho que ficou claro mas, nesse ponto, já havia esquecido a bagunça.

Se foi a noite de sono, se foi a manhã de trabalho. Vamos, enfim, almoçar. Barulho, corredor agitado, sinal, saída dos alunos. Meio-dia na escola. Todos desceram. Quem sabe um bom momento para fechar os olhos e... olhar. Hoje não tenho pressa. Alguém sai do banheiro, olhos marejados, “quero falar contigo”, a mão foi arranhada, até sangrar, fundo, marcas... “A mão não dói, profe”. “Onde dói”? Fez sinal para o pescoço: “Aqui. Parece que tenho um nó aqui”. Ela queria um chá e algo para a mão. Se arranhou na hora da leitura, quando ninguém estava olhando. Não sabe o que acontece, eu não sei como ajudar. “O que tu faz para aliviar?” pergunto. “Eu escrevo” e aquilo me atinge em cheio. Ela agradece a pomada, o chá e vai embora. “Ela escreve”, fico pensando. “É um ótimo exercício!”, respondi. Ela ri. E se foi. E eu fiquei pensando: ela escreve! Nesse momento do meu relato, tenho certeza que estou escapando da proposta... mas preciso contar que recebi uma mensagem dela, no início da tarde. Agradeceu. Miudezas desse dia.

Dois dias se passaram. Não estou satisfeita. Não terminei as minhas leituras da semana, ainda quero pensar um pouco mais nessa escrita e tenho a manhã de folga. São os momentos mais produtivos: é cedo. Os outros dois moradores da casa dormem. Abro a cortina:



Essa é a vista da janela da minha sala. Os livros esperam, o café está pronto, o silêncio impera. Fiquei um tempo olhando para esse céu. Logo, o dia clareou por completo e o café terminou. Rafael sai para trabalhar. Luisa segue dormindo: “dorme, filha, dorme bastante pra mãe estudar um pouco”. Olho os cadernos dela: deixou sobre a mesa, no dia anterior, como tarefa para mim. Morre de orgulho das produções, dos pequenos textos, das continhas. Eu fico pensando: por que esse encanto acaba? Lembro do meu problema de pesquisa (algo relacionado ao desencanto pelas aprendizagens na transição anos iniciais para anos finais do Ensino Fundamental), vou fazer a tarefa de Tese I. Aproveito para organizar minha mesa de trabalho e revisito minhas anotações de aulas anteriores: “o olhar atíça o desejo de ler o implícito, busca o que não é aparente.” Seguimos exercitando o olhar, registrando, escrevendo.

Cara colega Monica!

Compartilho da ideia de que é difícil escrever de forma livre. Nossos julgamentos são muito acentuados, é difícil gostar do que escrevemos. Mas conforme a escrita avança e constituímos um corpo do texto, com um caminho traçado, a escrita espontânea se torna mais fácil.

Ao ler teu texto, destaco a expressão “miudezas do dia”. Quantas miudezas em nosso dia a dia, que ao descrevermos percebemos a “boniteza”, parafraseando Paulo Freire, que a compõem. Acredito que seja das miudezas que a professora Nilda tratava quando nos desafiou a escrever.

Muito bom ler teu texto. Imaginei as cenas... da sala, dos cavalos, da menina “descabelada”...criando um imaginário da tua rotina (de trabalho, mãe, esposa, professora, ...).

Desafio concluído com sucesso!

Um abraço com o desejo de sucesso em teus desafios diários!

Fernanda

O OLHAR, A ESCUTA,

O Sentir

QUERUBINA AURÉLIO BEZERRA*

Hoje, sábado, sete de maio de 2022, véspera do dia das mães...

Hoje consegui parar um pouco para estudar. Minhas meninas foram passear com o pai e eu fiquei aqui, em meio a esse silêncio que me faz pensar e lembrar dos sons que ouço quando a casa está cheia.

Daqui da minha mesa, no escritório, observo livros, cadernos, pastas e papéis diversos... bagunçados... uma bagunça incômoda para mim, talvez porque sempre gostei de ter tudo organizado, ou talvez por perceber que essa bagunça expressa um pouco o momento que estou vivendo.

Porém, nem tudo aqui neste espaço é desordem, os armários fechados estão organizados e eu sei exatamente o que há em cada prateleira... sei porque não faz muito tempo que os organizei e tornei esses espaços como os pontos de segurança da casa... os produtos de limpeza, remédios e objetos cortantes estão devidamente trancados para a segurança das minhas filhas.

Saiamos um pouco daqui... da minha janela e pela porta vejo a luz do sol, que após vários dias resolveu voltar a brilhar e nos aquecer um pouco. Os varais, por todas as casas nessa vizinhança, estão plenos... e acabei de ouvir minha máquina de lavar encerrar mais um ciclo... logo mais ampliarei o colorido da varanda, com as roupas que farão companhia às fraldas de Ana Júlia que já estão ali penduradas parecendo bandeirinhas (acho que acabei de perceber o porquê amo tanto olhar para essas fraldas penduradas... lembro-me do período mais colorido e festivo que gosto em minha terra natal).

Pela casa há brinquedos espalhados, muitos amigurumis tecidos pela minha irmã que, mesmo tão distante, faz-se presente com seu carinho na forma de pontinhos.

Com esse momentâneo silêncio da casa, posso ouvir os sons da vizinhança, conversas, latidos, batidas, veículos... mas nada disso impede a minha memória de retomar as escutas atentas do dia a dia... daquele "mãe" ou "mamãe" que me fazem largar qualquer coisa para observar de perto e dar a atenção que minhas meninas precisam.

Voltei a página, reli os parágrafos escritos e percebi que o exercício do olhar para o entorno foi bom... na realidade foi um exercício de olhar para mim e perceber o que precisa ser melhorado, onde precisa ser melhor organizado e, principalmente, reconhecer ao quê tenho realmente me dedicado.

*Doutoranda do PPGEDU - UCS

Hoje, sábado, sete de maio de 2022, véspera do dia das mães... após dois meses de aula do doutorado... iniciei esse exercício pensando que não conseguiria olhar... mas olhei, escutei e senti que aquilo que parecia uma bagunça é apenas um momento em que as coisas e os sentimentos estão se acomodando para ganhar uma nova ordem.



Querubina, querida!

Seu texto me tocou profundamente.

Neste momento em que o leio, estou me preparando para uma cirurgia no colo do útero em que as chances de engravidar serão reduzidas. A cirurgia será amanhã, às 8:30.

Vendo seu contato, sua conexão com suas filhas que mesmo não estando em casa se fazem presentes de alguma forma, só posso dizer que és uma mulher abençoada e de muita sorte por poder realizar essa missão tão nobre que é ser mãe, abdicar de seu tempo, sua organização e de tantas outras coisas para viver um amor que não é outra coisa se não doação, entrega e realização. É claro que tudo isso em meio a desafios naturais da vida.

Querubina, sinto meu abraço, minha admiração e felicidade por poder partilhar essas impressões contigo. Grande abraço!

Ana Amélia

DIÁRIO DE UM

doutorando

ROBERTO OLIVEIRA BATISTA JÚNIOR*

Este diário contém as observações/ impressões de um doutorando Pernambucano, sobre o 1º semestre da Pós-graduação em Educação, em uma Universidade em Caxias do Sul/RS.

A cidade

A cidade de Caxias do Sul está localizada na serra gaúcha, no Nordeste do estado do Rio Grande do sul, na região Sul do Brasil. Por estar situada no interior do estado, Caxias do Sul preserva a atmosfera interiorana, com grandes áreas de mata, ainda preservada. O bairro que optei por residir com a família foi o de Petrópolis. É um bairro alto, de onde pode se ver parte da cidade. À noite, é muito bonito observar as luzes da cidade se acendendo.

Apesar desse ar interiorano, Caxias do Sul é uma cidade bem desenvolvida economicamente. Com um comércio bem ativo. Com shoppings. Com uma estrutura de assistência à saúde da população. Pelo que percebi, sua população não depende dos serviços oferecidos na Capital, Porto Alegre.

O clima é um capítulo à parte. Somos nordestinos. Nordestinos de perto da linha do equador. Acostumados a temperaturas altas, mas constantes. A variedade térmica que temos enfrentado por estas “bandas” tem sido um desafio extra. Definitivamente, o nordestino gaúcho tem mais aptidão às amplitudes térmicas.

No nordeste brasileiro compramos ar-condicionado para amenizar o calor. Em Caxias compramos para fugir do frio. O Brasil e a sua continentalidade. Mas, tirando o frio, temos gostado da experiência de vivermos em outra cidade, com suas peculiaridades, costumes, cultura. Dada a sua origem italiana, em Caxias, seu povo adora massas. O que foge um pouco dos gostos culinários de Pernambucanos, que curtem mais feijão com arroz.

Em Caxias é aipim. Em Pernambuco, macaxeira. Em Caxias é cacetinho. Em Pernambuco, pão francês. Em Caxias, guri. Em Pernambuco, pirraia. Em Caxias, pandorga. Em Pernambuco, pipa. Em Caxias, Bah! Em Pernambuco, Vixe! A variedade de expressões também mostra da multiculturalidade presente no Brasil.



*Doutorando do PPGEDU - UCS

A turma

A turma do doutorado em Educação é bem diversificada, em muitos aspectos. A maioria é do Rio Grande do Sul. Mas temos colegas do Ceará, Pernambuco, Brasília, São Paulo. Em sua maioria têm formações distintas. A maioria na área das licenciaturas: Matemática, Letras, Pedagogia. Mas temos bacharéis em Jornalismo, Psicologia. As temáticas a serem desenvolvidas pelas teses são muitas. Desde a análise semântica de enunciados em Ducrot, até a interação em ambientes virtuais de aprendizagem, baseado em Vygotski. Os enfoques são muitos, mas o objetivo é um só: contribuir para às discussões travadas no campo educacional. Com os colegas da turma tenho aprendido muito. Está sendo uma experiência e tanto.

Os/As professores/as

Os/As professores/as do Programa de Pós-graduação em Educação são muito especiais. Desde o primeiro contato que tive com a coordenadora do Programa, em meados de agosto de 2021, sempre muito atenciosa com as minhas demandas, até o primeiro contato com a orientadora, sempre muito solícita e criteriosa nas discussões e amadurecimento do projeto de pesquisa, me senti, constantemente, acolhido, mesmo que virtualmente.

Especialmente, as professoras com quem tenho usufruído por mais tempo de convivência nas disciplinas, têm demonstrado uma sensibilidade ímpar nas relações com que estabelecem com os doutorandos. Sensibilidade que transparece na fala, mas sobretudo, nas atitudes. Para além do conhecimento da área, têm demonstrado conhecimento de vida. Tenho aprendido muito nesse processo. É mais do que método. É mais do que pesquisa. É mais do que teoria. É mais, do que é Ser humano.

Esse registro está em constante aperfeiçoamento. Trata-se de parte do “olhar” do pesquisador/humano que há em mim. Que assim como o meio que observo, está em constante resignificação.

Prezado Roberto

Seu registro etnográfico nos remete a contemplar o momento acadêmico vivenciado por você em uma região distante da sua e em uma universidade também um pouco diferente da sua trajetória. Com isso, percebe-se, por meio do seu relato, as diferenças das regiões que, de forma resumida, se pode constatar como as mais marcantes: clima, língua, costumes. O registro sobre o próprio Programa de Pós-graduação em Educação faz com que possamos conhecer um pouco mais o perfil do curso, seus discentes e docentes. Muito bom seu registro etnográfico, creio que possas enriquecê-lo com o passar dos anos e os momentos vivenciados.

Abraço,

Michele



OBSERVANDO...

SABRINA ARSEGO MIOTTO*

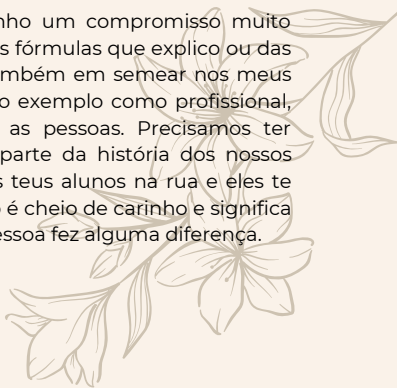
Numa manhã fria de maio, estou em meu local de trabalho, o IFRS Campus Caxias do Sul. Resolvo deixar as minhas tarefas por um momento e contemplar os arredores do *campus*. Ao sair do prédio, vislumbro o brilho do sol tocando as águas da represa que fica localizada próxima ao *campus*. Além disso, observo a beleza das árvores que estão no entorno. Ao olhar esse cenário, dou-me conta da quantidade de tons de verdes presentes nas folhas das árvores e como eles se misturam com os tons terrosos que se apresentam com a chegada do inverno. Desperta em mim um sentimento de introspecção, ao olhar esses movimentos da natureza e essa capacidade de regeneração que ela possui, sendo capaz de promover a queda de todas as folhas de algumas árvores para depois voltarem plenas e esplêndidas na primavera.

Nesse momento, jovens estudantes estão em aula, cada um com a sua realidade, com seus objetivos e anseios, dúvidas e certezas. Em seguida, toca o sinal. É o momento do recreio e aquele espaço que eu observava calmo e silencioso, dá lugar às conversas dos estudantes, que aproveitam aquele momento para curtir o sol que brilha, aquecendo o corpo, mas também os seus corações. As risadas altas próprias dessa fase da vida se espalham, conversas, algumas trocas de olhares e muita cumplicidade, laços são criados e desfeitos em pouco tempo. A interação entre eles é intensa.

Nesse contexto, olho para mim e percebo que fiz a escolha certa, quando escolhi desde criança ser professora. Sempre quis trabalhar com a educação e ter a oportunidade de ensinar alguém, mas também aprender e, a partir dessa interação, me tornar uma pessoa melhor, não só pelas formações que fiz durante minha trajetória profissional, mas também pelas formações que a vida me ofereceu através das inúmeras situações que já vivi em sala de aula, da empatia que aprendi a desenvolver e pelas histórias de vida que ouvi, me ensinando a analisar uma determinada situação não mais a partir da minha régua, mas a partir do contexto que está inserida.

Nessa trajetória aprendi, que enquanto professora tenho um compromisso muito grande, que vai muito além da disciplina que leciono, das fórmulas que explico ou das atividades que proponho. Meu compromisso implica também em semear nos meus alunos princípios, a partir, muitas vezes, do meu próprio exemplo como profissional, como lido com as minhas responsabilidades e com as pessoas. Precisamos ter consciência que quando somos professores, fazemos parte da história dos nossos alunos. É tão bacana depois de anos, encontrar com os teus alunos na rua e eles te cumprimentarem dizendo, “oi profe”. Esse cumprimento é cheio de carinho e significa que de alguma forma a tua passagem pela vida dessa pessoa fez alguma diferença.

*Doutoranda do PPGEDU - UCS



Agradeço a Deus pela escolha profissional que fiz, que me faz ter um trabalho que é cheio de vida apesar dos percalços, que é cheio de recompensas, apesar do esforço necessário, que é desafiador, pois se lida com pessoas diferentes o tempo todo, que são dinâmicas e que mudam de uma aula para outra, influenciadas pelas suas vivências cotidianas. Isso, faz com que o professor vá tomando o lugar de outros papéis, precisando ser um bom ouvinte, pois muitas vezes precisamos abordar em sala de aula ensinamentos para a vida, motivar os estudantes e entender suas angústias, habilidades que não trabalhamos nos bancos acadêmicos, mas que foram construídas a partir da nossa própria existência e na convivência com os estudantes.

Ouçõ o sinal novamente, isso indica o término do recreio e também esse meu momento de reflexão, olhando para aqueles estudantes retornando para a sala de aula, onde terão a oportunidade de terem acesso a novas informações, mas também a fazerem novas reflexões e abrirem seu pensamento. A educação propicia isso, ver o mundo sob um novo olhar, quebrar paradigmas e ver a nossa realidade de uma nova forma, procurando sempre melhorar. Agora o som dos pássaros são os únicos sons que ecoam no pátio da escola, mas nas salas de aulas ecoa o som de nossas perspectivas.

Fechei meus olhos e senti o som desses pássaros, da natureza, da manhã gelada, do brilho no olhar dos alunos em um intervalo de sala de aula e sua reflexão do percurso de um pesquisador.

Acredito que um educador, seja da mesma forma que narrou sobre a natureza “capacidade de regeneração”. Temos nossos objetivos e anseios, como as dos jovens, claro que com um olhar diferente, mas dentro de nós, carregamos nossos sonhos e, eles precisam ser regenerados.

Que escolha linda de ser professora desde criança, nesse texto deixa bem claro a sua vocação e seu compromisso que vai além da disciplina, está fazendo a diferença. Cresci em uma casa onde a educação era prioridade, pois minha mãe foi docente por vinte e cinco anos e, hoje estou dando continuidade a seu legado.

Obrigada pelo seu lindo texto, me incentivou ainda mais continuar esse legado.

Sidnéia

REGISTROS ETNOGRÁFICOS

SIDNÉIA ALBUQUERQUE MOREIRA*

Hoje cursando mestrado em educação, estou construindo meu projeto de pesquisa para qualificação. Ando observando, investigando e escrevendo meus fichamentos, frases aleatórias, citações de autores que tenho desejo em citá-los e montando um acervo de reflexões, estou na ebulição do “estado da arte”, que também poderia chamar de “estado do conhecimento”. Nesse estado, consiste em um nível mais alto a respeito do tema em que estou propondo a pesquisar. Segundo Ferreira, (2002); Romanowski e Ens, (2006) “O estado da arte, tem como objetivo, fazer um levantamento mapeamento e análise do que se produz considerando as áreas do conhecimento, período cronológicos, espaços, formas e condições de produção”.

Sento em meu ambiente de estudo, e sinto o cheiro do café que está ao meu lado, junto com organizadores coloridos. Tenho um tipo metódico de organização para começar minha escrita, mas quando ela não sobressai em minha mente, respiro e ergo meus olhos para cima, olhando a imensidão da Via Láctea. Quando não vejo solução, penso nesse pequeno trecho citado abaixo por Carl Sagan, que está cravada em minha mente e coração. Que narra assim:

A espaçonave estava bem longe de casa. Eu pensei que seria uma boa ideia, logo depois de Saturno, dar uma última olhada em direção de casa. De saturno, a Terra apareceria muito pequena para a Voyager apanhar qualquer detalhe, nosso planeta seria apenas um ponto de luz, um “pixel” solitário, dificilmente distinguível de muitos outros pontos de luz que a Voyager avistaria: Planetas vizinhos, sóis distantes. Mas justamente por causa dessa imprecisão de nosso mundo assim revelado valeria a pena ter tal fotografia. Já havia sido bem entendido por cientistas e filósofos da antiguidade clássica, que a Terra era um mero ponto de luz em um vasto cosmos circundante, mas ninguém jamais a tinha visto assim. Aqui estava nossa primeira chance, e talvez a nossa última nas próximas décadas.



Então, aqui está – um mosaico quadriculado estendido em cima dos planetas, e um fundo pontilhado de estrelas distantes. Por causa do reflexo da luz do sol na espaçonave, a Terra parece estar apoiada em um raio de sol. Como se houvesse alguma importância especial para esse pequeno mundo, mas é apenas um acidente de geometria e ótica. Não há nenhum sinal de humanos nessa foto. Nem nossas modificações da superfície da Terra, nem nossas máquinas, nem nós mesmos. Desse ponto de vista, nossa obsessão com nacionalismo não aparece em evidência. Nós somos muito pequenos. Na escala dos mundos, humanos são irrelevantes, uma fina película de vida num obscuro e solitário torrão de rocha e metal. (SAGAN, 1984, p. 236).

Este livro, acompanha a jornada da minha vida desde criança até a essa fase adulta que estou agora, aos quarenta e dois anos de idade. Lembro-me de meu pai, me colocando para dormir, pegando esse livro e explicando a importância de todos os planetas, do sol e da lua. Ele me dizia assim: “feche seus olhos e olhe lá do espaço para a terra, o que você enxerga?” Meu olhar de criança, explicava que a terra era redonda, azul e branca. Meu pai ria e dizia “quando ficar adulta olha para cima e vai encontrar solução para tudo”.

Confesso que, por muitos anos busquei por essa resposta, mas ainda não encontrei, mas continuo buscando. Pode ser que eu precise desse momento para me descobrir e me conectar como ser humano. Mas também pode ser que não, pode ser que minha mente criou uma alternativa paralela para meu conforto e bem-estar. Mas de alguma maneira me ajuda. Acho saudável, na verdade acho essencial manter viva em minhas lembranças essa fragilidade e falibilidade. A minha felicidade depende do meu autoconhecimento para poder controlar minha vida.

Fazer um curso de mestrado é desafiador, mas ao mesmo tempo, instigante. Novos conhecimentos em uma determinada área e disciplinas obrigatórias do curso que tenho que completar. A pesquisa demanda muita prática e conhecimento, mas creio que com o tempo, vem a maturidade acadêmica, e tudo vai ficar mais claro em minha mente. Em minha organização de estudos, percebo quanto o tempo é importante, faço o estudo dividido em etapas de forma estratégica e eficiente. Assim terei em mãos uma espécie de mapa que direcionará os objetivos a serem alcançados em cada fase.

Leio muito, pratico a minha escrita, mas por muitas vezes existe um bloqueio criativo, não sai sequer um parágrafo. Estou sempre rabiscando alguma coisa, senão servir para o projeto de pesquisa, servirá para o aprendizado. Acredito que os desafios do percurso de um pesquisador, faz parte da vida, servirá para meu crescimento.

Quero entender e incorporar a ideia de que tudo que irei aprender e desenvolver com habilidade, é um patrimônio permanente em minha vida, meu conhecimento. Eu sou o objeto da minha carreira. “gente não nasce pronta e vai gastando; gente nasce não pronta e vai se fazendo” (CORTELLA, 2016, p.13).

Cara, Sidnéia.

Tudo bem contigo?

Gostaria de agradecer a oportunidade de ler teu texto. Tua escrita provocou em mim uma sensação imediata de identificação: mesmo que estejamos em pontos diferentes da nossa formação as angústias, dúvidas e anseios são os mesmos. O cheiro de café também acompanha meu olhar para a página em branco que aparece em minha frente. E aquele cursor que aparece e some faz o pensamento vagar e o coração apertar... Assim como tu me sinto "soterrada" pelas muitas tarefas e leituras. São tantas as demandas e as exigências que essa missão nos exige...Organizar-se vira uma necessidade e, no meu caso, não é tarefa fácil porque tenho uma tendência bem grande a deixar as coisas para a última hora e achar que trabalhar sob pressão é o caminho. Que bom que tu tem conseguido fazer isso e que as tuas leituras e fichamentos estão em dia. Sabemos que o nosso percurso não será fácil, mas seguimos entendendo que seremos transformadas por ele. Tenho certeza de que não se trata apenas de um enriquecimento intelectual, acadêmico e profissional. Como tu mencionou, será "patrimônio permanente em minha vida". Eu também acredito muito nisso. Afinal, como afirma Cortella (2016) "a gente não nasce pronta e vai gastando; gente nasce não pronta e vai se fazendo", não é? Te desejo toda sorte do mundo nesta tua caminhada. Que nada te tire o foco, a vontade e, sobretudo, o encantamento!

Abraços,

Manuela



O OLHAR NOSSO

de cada dia!

SIMONE VIAPIANA*

O quanto corremos na vida! O quanto não vemos o que está à nossa volta! O quanto nosso olhar já está viciado!

Essa parada me fez olhar com mais atenção ao meu entorno e perceber como a natureza é linda! Ela nos recorda que podemos nos desvencilhar de excessos e cobranças que, muitas vezes, não fazem sentido e ela possibilita o resgate da simplicidade perdida. Como há muitos tons de verde, marrom, amarelo nas árvores, como o canto dos pássaros é forte e unísono. Como as folhas das parreiras e dos plátanos se desdobram e cobrem o chão, deixando-o colorido. É lindo poder ver, olhar e sentir! Sinto-me abençoada por poder estar em contato com a natureza, abrir a porta da casa, caminhar na grama, poder ver a exuberância das cores e sentir o silêncio típico da vida no interior.

Esse olhar mais calmo que a natureza nos proporciona é a antítese da vida na cidade: carros que passam buzinando, alarmes e sirenes, pessoas gritando! Como é difícil, durante o dia, na cidade, conseguir uns minutos de silêncio para poder olhar para si e também para o outro.

Muitas vezes, o importante está na relação entre o que vemos e o que sentimos quando vemos. Para os que estão acostumados à agitação da cidade, com um olhar mais urbano, a vida se apresenta com outras cores: as cores da modernidade, da facilidade, do ifood... E isso também é importante, mas quantas vezes conseguimos olhar para o entregador do pedido com calma e perguntar se está bem? Ou quando vamos ao mercado na corrida e não olhamos o prazo de validade dos alimentos... essa correria que nos cega para as pequenas atividades diárias e corriqueiras.

No interior, a calmaria do lugar, parece fazer com que as pessoas sintam mais o tempo, sintam mais o momento. Na colheita dos legumes na horta, o cheiro do manjericão, do tomate, da salsinha nos invade e percebemos que eles têm um ciclo para ficar pronto. Não adianta correr, adubar, dar mais água... o ciclo é de cada um e em seu ciclo ele ficará pronto. Poderíamos fazer uma analogia de nossa vida com a natureza.

*Doutoranda do PPGEDU - UCS

Vivemos em ciclos, agora, o meu está sendo trilhado no doutorado e espero poder ter a calma e a serenidade para trilhá-lo para contemplar o processo e usufruir das aprendizagens. Que seja como olhar para a natureza: em cada momento descobrir uma cor nova, um cheiro novo e um olhar mais apurado e menos viciado para poder ver nas entrelinhas os meandros da pesquisa. E poder olhar, também, o que à primeira vista não se configura em beleza, essa trajetória. Corroborando com a fala de Sérgio quando diz que o “olhar é diferente: Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece originar-se sempre da necessidade de “ver de novo” (ou ver o novo), como intento de “olhar bem”.(CARDOSO, 1998). Por isso, basta parar e olhar! Olhar com atenção, impregnados do sentido, aguçados pelo desejo, ávidos pela descoberta e em estado de plenitude com a natureza!



Bom dia, Simone!

Tudo bem?

Tua escrita trouxe serenidade para minha manhã.

A fotografia da paisagem foi um presente para mim! Mesmo estando no final do texto, foi a primeira coisa que vi. <3 E parei nela. Apreciando. Sentindo. Depois, voltei à leitura das palavras.

Da tua escrita, destaquei algumas palavras que foram saltando do texto aos meus olhos de leitora: "cobrança", "simplicidade", "sentir o silêncio", "interior versus urbano".

O ciclo da natureza > o ciclo da vida > o tempo necessário > a espera bem-vinda. Ainda, como um 'conselho', retiro de tua escrita: olhar o sentido, movida pelo desejo. Obrigada pela oportunidade de ler a tua bela composição e de te conhecer melhor.

Diana

NÃO-PRESENÇAS

THAINÁ CRISTINA GUEDES*

Me encontro em uma casa que não é minha, que não me pertence e que não guarda registros e indícios de que estive ali pelos meus últimos três anos. Uma casa no centro da cidade de São Leopoldo, com muros altos, paredes rachadas, um quintal cinzento e algumas árvores que uma vez ao ano produzem algumas pitangas e amoras doces e miúdas. Essa é uma Casa de Estudante independente, a qual carrega histórias e não-histórias ao longo dos seus 60 anos de existência.

Me deparei pensando sobre o que escreveria nessa reflexão, enquanto olhava para aquelas paredes impregnadas de presenças e não-presenças. De encontros de vidas que logo se separam pela passada breve do outro nas vidas de quem persiste em ficar, em ocupar. Em ser e estar nesse espaço.

Ao longo dos meus anos como moradora desse espaço fui criando uma antipatia por ele afinal, dividir uma casa com pessoas desconhecidas que carregam um mundo dentro de si completamente diferente do meu gerou inquietações e irritações profundas nesse processo egoísta de pensar que o meu estar está certo enquanto o estar do outro não. Mas observando essas paredes fui coberta de uma melancolia que escorria entre suas rachaduras.

Me senti vazia, assim como a casa. Como se todas vindas e idas de pessoas que residiram naquele espaço tivessem tirado um pouco do reboco das paredes. Como se qualquer indício de um lar, uma família, não pudessem ser encontrados naquelas paredes.

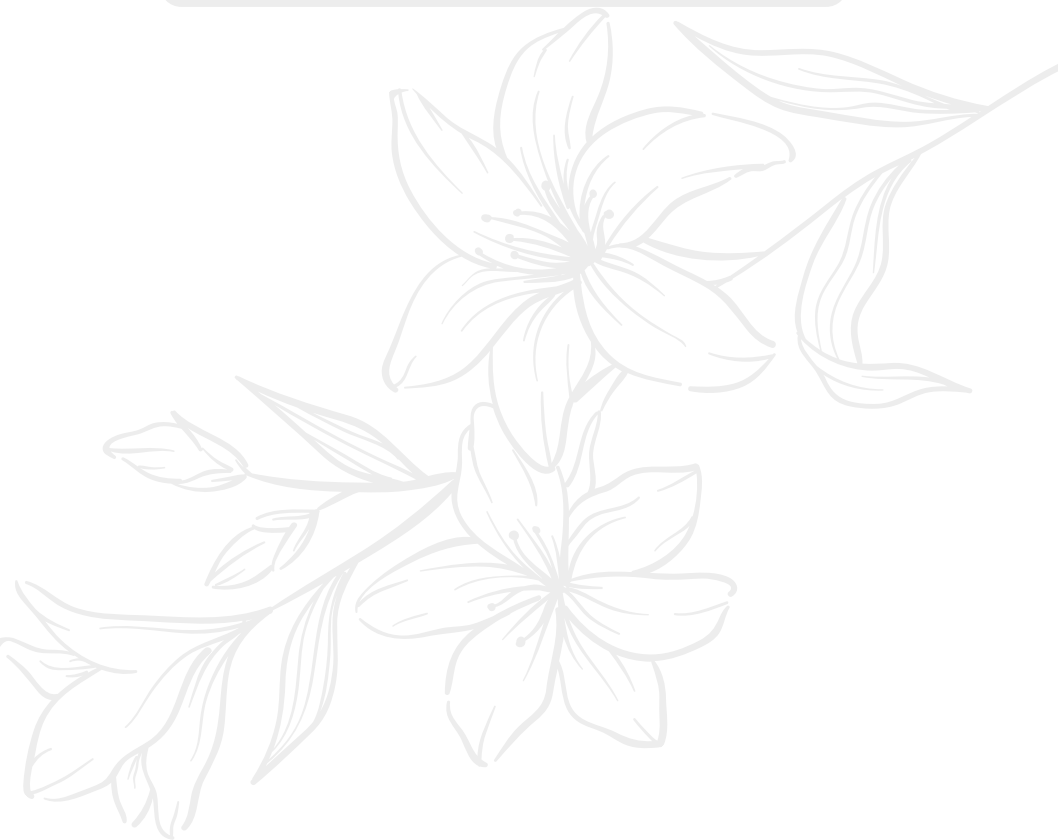
Esse olhar atento e reflexivo revelou uma enxurrada de emoções que por muito tempo estavam sendo sufocadas para que a saudade não batesse, o choro não viesse. As paredes que não carregam nenhuma marca de que moro ali, que vivo e existo naquele espaço, revelou marcas tão profundas que não foi possível desviar e escrever sobre outra coisa a não ser essa.

Talvez essa observação atenta, esse olhar que desvela o simples ato de ver, diz muito mais a respeito de quem olha do que o que é visto. Em um espaço em que nada era possível, olhar além das paredes e móveis de uma casa coletiva, as percepções e emoções que me encharcaram foram as minhas próprias, as quais não existe espaço para emergirem no dia a dia, na correria de reuniões, trabalhos, aula, leituras, alimentação, contas... E que ao mesmo tempo me impossibilitam de ser uma pesquisadora por completo, de corpo e mente, nesse emaranhado de não-presenças.

*Mestranda do PPGEDU - UCS

O texto Não-presenças da pesquisadora Thainá Cristina Guedes sugere ausência de uma ética da alteridade e a casa como possibilidade de abertura para o mundo com apelo do Outro e de uma humanidade. A não-presença sugere negação da presença no mundo do "Outro" implicando em subterfúgios na apreensão de fenômenos que por meio da sensibilidade e percepção ao apelo do outro implicar-se-ia na e pela responsabilidade e sem reciprocidade, um pressuposto de acolhimento incondicional.

Adão



UM REGISTRO

extemporâneo

WILLIAM GUSTAVO MACHADO*

Antes de tudo um café. Uma alegria digestiva. Doce, sem remorso. Açúcar, sem pecado, com afeto. Pelo menos de mim para mim. De máquina, químico, sem nem pensar. De qualquer forma: com gosto de café. Capuccino.

A alegria pois é de barriga cheia que se sonha. Encho-me para poder sonhar. Me energizo para poder vibrar. Esquento-me ainda. E subo velhas escadas, emborrachadas, que se cruzam com memórias de uma licenciatura não finalizada, de um sonho interrompido, que agora continua, que se manifesta de outra forma.

Eis que meu mistério sempre volta: quero saber. Quero o que está atrás, o que está no fundo. Quero que tenha fundo. Imagino fundos falsos. Invento cofres. E me apego sempre àquilo que precisa ser difícil. Me atraí abrir mato à facão.

Entro em sala e sinto uma ponta de orgulho. Já estou longe. De onde eu vim... Da minha sobre-vivência não preciso comentar. A felicidade sonhada chega. E me empurra. Vai sonhar. Vai estudar. Vai construir o teu saber. Vai investigar o que tu não sabes. Aquilo que estava escondido atrás das paredes, atrás das portas que não podias entrar.

Agora é permitido entrar nas salas. Em qualquer horário. Acesso a pesquisa e busco saber a qualquer hora. *Paro* o mundo para saber. Se eu não podia saber, se meu mundo era não-saber, se minha proteção era não-saber, agora *o meu mundo é saber*, minha proteção é saber. E assim me atraio pelos assuntos em aula desde que profundos. A audição, materna, quer até acolher tudo, mas a alma não quer só ouvir. A alma prepara-se para a *escuta*. E minha alma quer escutar aquilo que me vibra tão somente. Minha alma quer *ver mais, ver melhor*, e olha para aquilo que se apresenta como mistério.



*Mestrando do PPGEDU - UCS

Assim vai minha alma. Assim vou eu. Procurando conchas em cada canto. Tentando resolver essa luta digestiva, entre o sal de um hambúrguer e o açúcar de um café. Tentando apaziguar essa querela entre minha adaptação e meu sonho. E que alegria é terminar o café e não ver um torrão de açúcar no final, com aquele amargo de um leite mal bebido.

Colega William,

Adorei ler seu texto; fez do cotidiano, das interrupções e dos sonhos uma poesia; mergulhei na leitura, de verdade. A sua escrita fez-me pensar sobre como os caminhos mudam, e que sonhos "interrompidos" podem ser "concluídos" a partir de outros caminhos, que é o que você está fazendo agora. Desejo que você continue na sua própria busca e que o café, a vida, seja doce. E que o saber continue o movendo. Abç.

Ah, gostaria de dizer, também, que você deixou bem marcada sua subjetividade na escrita, isto é, de quem é e como vê a vida. Diria que você leva jeito para a poesia rsrs (digo isso como pessoa de letras).

Aline



REFERÊNCIAS

BARBIER, R. (2002). **Escuta sensível na formação de profissionais de saúde** . Palestra na Faculdade de Ciências da Saúde - <http://www.saude.df.gov.br> Brasília, julho - barber@planete.net.

BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia da Letras, 1988. (p. 348-349)

CORTELLA, Mario Sergio. **Por que fazemos o que fazemos?** : aflições vitais sobre trabalho, carreira e realização. 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2016.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas de “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272 ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em 07 maio de 2022.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão**. Instrumentos Metodológicos I. 2ª ED. São Paulo : Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Pedagógica**. 39. ed. São Paulo: PAZ E TERRA, 2009. p.148.

ROMANOWSKI. Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v.6, n.19, p. 37-50, set/dez.2006. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/24176>. Acesso em 07 maio de 2022.

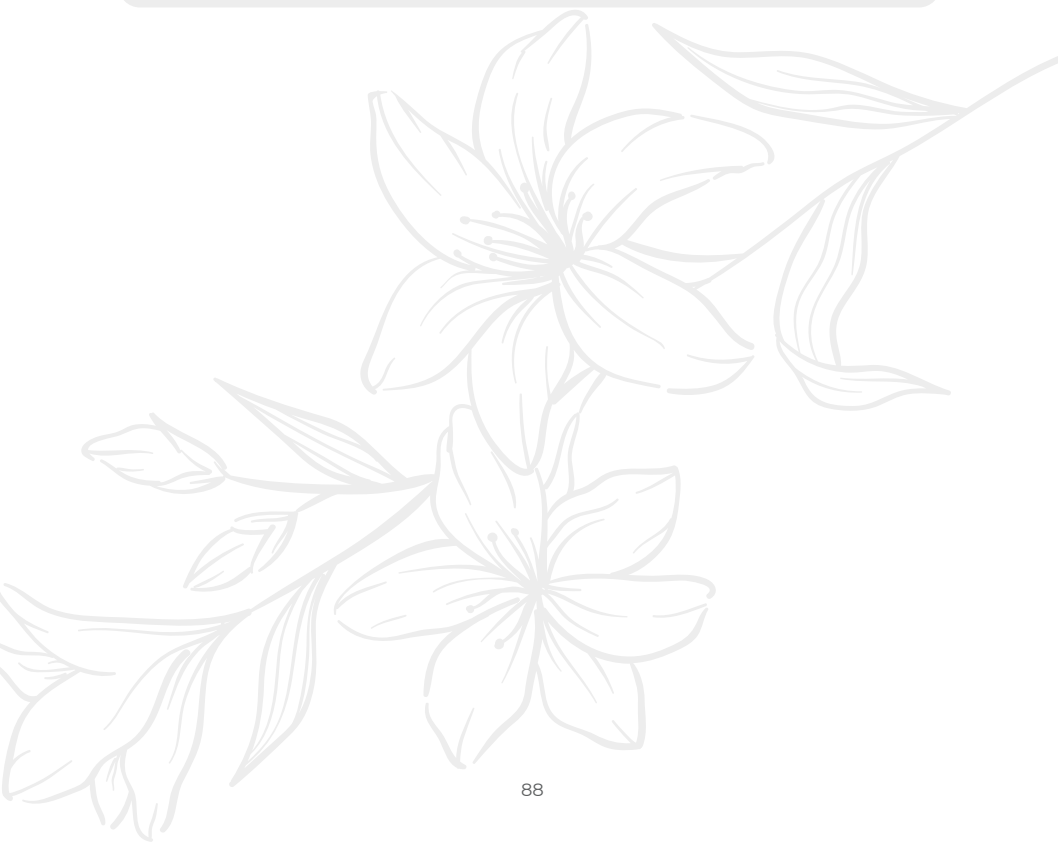
SAGAN, C. **Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. E-book Kindle.

SILVERSTEIN, Shel. **A árvore generosa** (1983). Trad. Fernando Sabino. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Organizadoras:

Nilda Stecanela – Doutora e mestre em educação pela UFRGS com pós-doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Londres. Docente do corpo permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação e coordenadora do Observatório de Educação da Universidade de Caxias do Sul. Pesquisadora em produtividade do CNPq.
Email: nildastecanela@gmail.com

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEDU/UCS), docente contemplada com fomento para afastamento pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS).
Email: maria.pizzoli@caxias.ifrs.edu.br



O S E U O L H A R

Arnaldo Antunes e Paulo Tatit ¹

o seu olhar lá fora
o seu olhar no céu
o seu olhar demora
o seu olhar no meu

o seu olhar seu olhar melhora
melhora o meu

onde a brasa mora
e devora o breu
onde a chuva molha
o que se escondeu

o seu olhar seu olhar melhora
melhora o meu

o seu olhar agora
o seu olhar nasceu
o seu olhar me olha
o seu olhar é seu

o seu olhar seu olhar melhora
melhora o meu

¹ Compositores. A música integra o Álbum "Ninguém", Arnaldo Antunes, BMG, 1995



Os registros etnográficos integram uma das unidades de aprendizagem constante no cronograma do Seminário de Metodologia de Pesquisa em Educação, ministrado há mais de uma década no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul.

A intenção não é fazer uma etnografia na pesquisa em educação, mas de promover o desenvolvimento de sensibilidades nos pesquisadores em formação, mestrandos e doutorandos, no que tange à educação do olhar da observação, ou seja, nos dizeres de Madalena Freire Wefort, relaciona-se à “educação do olhar”.

As organizadoras trazem nesta coletânea vinte e oito registros etnográficos, de diferentes autoras e autores que se lançaram ao exercício da educação do olhar. Denominada carinhosamente de “Universos do olhar”, a obra se abre à possibilidade da leitura.

Assim, os vinte e oito textos aqui publicados testemunham a simplicidade e a grandiosidade da vida cotidiana e o valor do encantamento das coisas simples, como nos brinda o poema do poeta pantaneiro:

Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica
nem com balanças nem barômetros etc.
Que a importância de uma coisa há que ser medida
pelo encantamento que a coisa produza em nós.
(Manoel de Barros)

